

# UM SABBADO

em Itaquera

A trajetória do industrial Sabbado D'Angelo  
e suas relações com a cidade de São Paulo

Lucas Florêncio Costa

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – Unifesp  
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Eflch  
Departamento de História

UM SABBADO EM ITAQUERA  
A trajetória do industrial Sabbado D'Angelo e  
suas relações com a cidade de São Paulo

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
História na Universidade Federal de São  
Paulo  
Área de concentração: História urbana  
Orientação: Prof<sup>o</sup> Dr. Fernando Atique

GUARULHOS  
2015

COSTA, Lucas Florêncio. *Um Sabbado em Itaquera*. A trajetória do industrial Sabbado D'Angelo e suas relações com a cidade de São Paulo. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2015.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)  
Universidade Federal de São Paulo - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Atique.

Título em inglês: *Sabbado in Itaquera* - The trajectory of Sabbado D'Angelo and yours relationships with city of São Paulo.

1. História de São Paulo 2. Sabbado D'Angelo 3. Itaquera 4. Imigração

**LUCAS FLORÊNCIO COSTA**  
**Um Sabbado em Itaquera**  
**A trajetória do industrial Sabbado D'Angelo e**  
**suas relações com a cidade de São Paulo**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em História  
pela Universidade Federal de São Paulo  
Área de concentração: História urbana

Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Fernando Atique  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Janes Jorge  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Silvia Helena Zanirato  
Universidade de São Paulo

*Que a vida seja um sonho único e diverso de paz!*

*À minha mãe, Quitéria!*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é ação sublime! Recordar nossa trajetória e lembrar-se dos caminhos que percorremos, de todas as pessoas que estiveram ao nosso lado é talvez uma das recompensas mais singelas que podemos conquistar, tão longe das mentiras e tão chegada às coisas sinceras da vida.

Não poderia iniciar ato tão sublime senão com minha família - que é sempre o espelho de nossos corações. Minha enorme gratidão aos meus primos e primas, às minhas tias e tios, aos meus avós, essencialmente os maternos, Manoel e Maria. Pessoas que mesmo não tendo as oportunidades que, com dificuldade acessei, foram e são a imagem mais completa dos ideais de fraternidade e carinho que tenho comigo. À meu irmão, César, meus amados e sempre lembrados sobrinhos, Matheus e Mariana.

À minha mãe, com quem tanto aprendi e quem tanto admiro. Por onde eu for a senhora virá junto, pois minhas conquistas são, em grande medida, suas. Meu respeito e gratidão eternos.

Vem agora ao meu pensamento a lembrança de meus companheiros e amigos, Julio e Patrícia (e neles projeto a imagem de “toda gente querida da Penha”), por todas as vivências e aprendizagens e pelo sempre valioso “abraço negro”.

Um abraço em todas(os) as(os) queridas(os) companheiras(os) do Caph. Um afago em toda amizade advinda da Unifesp – aqui um abraço especial em minha amiga Lídia Ananda. Aos amigos e colegas de “toda espécie e momento”. Um carinho especial em Lauro, meu irmão reconhecido e escolhido, e seu marido Gabriel. Um beijo à Paula.

Ao professor Janes Jorge, por todo apoio ao longo da graduação e pelas constantes e valiosíssimas lições de humanidade. Agradeço também aos professores Alexandre Godoy, Luis Ferla e Odair da Cruz Paiva, pelas valiosas discussões proporcionadas.

Ao meu orientador Fernando Atique, por seu interesse sempre inabalado na pesquisa e por seus mais variados ensinamentos. A pesquisa se fez mais profunda com ele como orientador e a caminhada fez-se mais ilustre tendo-o como amigo. Agradeço às oportunidades apresentadas, às alegrias proporcionadas e aos conselhos compartilhados, tudo me foi muito valioso.

Todo meu respeito e admiração àquelas(es) que antes de mim pensaram e agiram em “meu território”. Citar os nomes de João Brito e Ana Alexandria, Escobar Franelas, Filipe de Oliveira, Marcello Nascimento e Sergio Toccacelli (e tantas(os) outras(os)) e imaginar que caminho ao lado delas(es), me soa como um aviso temporal, do bom caminho que estou trilhando. A este ultimo, agradeço ainda pela documentação repassada e pelo esforço individual tão admirável.

Por fim, agradeço à todas(os) que me ensinaram algo, no transcorrer ininterrupto de instantes que é a vida, pois se há algo certo nela, é o fato de que somos o reflexo da soma de cada momento por nós interiorizado, de cada experiência sentida, de cada dia por nós vivido.

Evitemos retirar de nossa ciência [a História] sua parte de poesia.

(Marc Bloch)

[...] tem-me animado a ideia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.

(Érico Veríssimo)



## RESUMO

Sabbado Umberto D'Angelo (1879–1938), quem foi? Magnata do tabaco? Industrial benevolente? Marido infiel? Especulador imobiliário? Perspicaz articulador social? Agente histórico relacionado à imposição de uma cultura do trabalho em São Paulo no início do século XX? Todas essas imagens parecem expressar certa dimensão de Sabbado D'Angelo. É por meio deste conjunto de representações, recolhidas na documentação, e discutindo temas mais amplos como a formatação social e espacial da cidade de São Paulo (em especial em regiões ainda não estudadas a fundo, como a chamada Zona Leste da capital paulista e, mais especificamente, o bairro de Itaquera) que buscou-se compreender a trajetória do industrial, proprietário da Sudan.

**Palavras-chave:** Sabbado D'Angelo - São Paulo - Itaquera

## ABSTRACT

Who was Sabbado Umberto D'Angelo (1879-1938)? Tobacco magnate? Benevolent industrial? Unfaithful husband? Astute social articulator? Historical agent related to imposition of a work culture in São Paulo in the early twentieth century? All of these images seem to express certain social dimension of Sabbado D'Angelo. Through this set of representations, gathered in the documentation, and discussing themes such as social and spatial formatting of São Paulo (particularly in regions not yet thoroughly studied, such as called East Zone of São Paulo and, more specifically, the neighborhood of Itaquera) which sought to understand the trajectory of this industrial, owner of Sudan.

**Key words:** Sabbado D'Angelo - São Paulo – Itaquera

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo 1 O QUE NOS DIZ UM NOME?.....	16
1.1 As diversas faces que um nome pode ter.....	18
Capítulo 2 D'ANGELO E A PAULICÉIA.....	36
2.1 Por que Itaquera?.....	39
Capítulo 3 POR DETRÁS DOS MUROS.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
BIBLIOGRAFIA.....	68

## INTRODUÇÃO

O emprego de determinadas expressões, por nossa imprensa, e mesmo na historiografia sobre a temática urbana, tem provocado a construção de uma certa imagem de São Paulo, que permite boa discussão de interesse à História. Pelas expressões de caráter teleológico - como “admirável ruptura com o passado”, “profunda reformulação urbanística”, “desenvolvimento econômico acelerado” e “aumento exponencial da população” - um quadro de feitos sociais, mais ou menos nítidos, apresenta-se como os componentes do amplo cenário da São Paulo do início do século XX.<sup>1</sup> Debrucemo-nos sobre qualquer texto cujo pano de fundo é a cidade de São Paulo do início do século XX e será bem provável que encontraremos tais imagens, ajuntadas sob uma mesma narrativa, nos apresentando uma São Paulo à beira da Modernidade e do cosmopolitismo, acomodada sob um cenário de amplo e abrupto desenvolvimento urbano-industrial, destinada à pujança e à grandeza. Naquela cidade não haveria, então, espaço para nada que maculasse a imagem da São Paulo urbana, industrial, cujo pleno desenvolvimento era incitado pelas elites (nacionais e estrangeiras) e que numa espécie de luta, buscavam solapar aquilo e aqueles(as) que, de alguma forma, remetessem ao passado de *provincianismo* e *bucolismo* da cidade – notadamente, a população negra, caipira e pobre.

É preciso se atentar à algumas ideias nesta narrativa. Em primeiro, parece que o rápido desenvolvimento econômico e urbano de São Paulo ocorreu subitamente. A impressão que fica é a de que, repentinamente, a cidade amanheceu repleta de empreendimentos comerciais que transformaram, abruptamente, o cotidiano do *burgo dos estudantes*<sup>2</sup> incrementando a vida econômica e cultural da cidade; inesperadamente a tranquilidade de suas ruas foi atropelada pelo motor dos veículos, que passaram a marcar cada vez mais a paisagem da cidade (essencialmente em seu perímetro central). Sugere-se assim um súbito processo, em que avenidas, novas

---

<sup>1</sup> “Epítetos como “metrópole do café” ou “locomotiva do Brasil” são tão caros à memória dos paulistanos quanto permanentes na historiografia brasileira, embalados que estão pelos sinais de transformações demográfica, espacial e econômica processadas na cidade desde fins do século XIX.” MARINS, Paulo C. Garcez. Prefácio. In: PADILHA, Marcia. *A cidade como espetáculo: publicidade de vida urbana na São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

<sup>2</sup> Cf. BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo – Burgo dos Estudantes (1828-1872)*. v. II. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

edificações e chaminés rasgaram a paisagem da até então bucólica e simplória *cidade*. Tudo isso assim, numa grácil fração de anos, quase que por “geração espontânea”. É preciso notar a certa fragilidade desta perspectiva. A questão pano de fundo da qual esta Monografia parte é a de que o desenvolvimento de São Paulo nos princípios do século XX não se deu repentinamente e não esteve relacionado estritamente à produção comercial de açúcar e café. Conforme Maria Aparecida Borrego é a partir da “contínua presença do comerciante na cidade de São Paulo” e da existência de relações mercantis e pessoais durante o todo o século XVIII que devemos compreender o desenvolvimento de São Paulo em fins do século XIX. E se a cidade se torna o palco da excitação modernista e industrial, como nos sugere Sevckenko em seu *Orfeu extático*, é senão por esse ensejo que vinha sendo, timidamente, ensaiado desde a passagem do século XVIII para o XIX.

A segunda ideia que embasa esta Monografia está profundamente relacionada à primeira. Há consenso, na historiografia, de que houve uma visível mudança em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, o que não significa afirmar que a cidade viu o súbito desaparecimento de uma lógica urbana pretérita: o que se quer apontar é que a cidade não deixou de apresentar aspectos relacionados à sua fisionomia social pretérita. Havia ali, na São Paulo das três primeiras décadas do XX, uma coexistência de temporalidades: se a inserção do automóvel na paisagem paulistana configurou uma mudança notável (resultado direto do desenvolvimento industrial no cenário urbano internacional), podemos imaginar a fuligem emitida pelos veículos passando a demarcar o rastro dos novos fluxos, mas ainda confundindo-se com a poeira das ruas ainda não pavimentadas – ou ainda o mister de odores da gasolina dos novíssimos veículos automotores e do estrume equino como denota Roberto Pompeu de Toledo.<sup>3</sup> Além disso, tais mudanças não foram assimiladas pelos diversos atores sociais da mesma maneira. Inúmeros conflitos resultantes das transformações urbanas da cidade (ou vinculadas à elas) surgiram. Foram confrontadas às diferentes formas de apreensão das transformações, matizadas pela adaptação e submissão, mas também pela resistência, e até subversão que, no entanto, são pouco visíveis na documentação. Curioso pensar, por exemplo, o quanto essas dissonâncias

---

<sup>3</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da vertigem: uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2015.

pouco aparecem nos registros fotográficos de Guilherme Gaensly<sup>4</sup> mas nos encharcam os olhos pelas imagens deixadas por Vincenzo Pastore.<sup>5</sup>

Procurando fixar a posição de nosso objeto-indivíduo investigado na história social da imigração, nos deparamos, indireta e inevitavelmente, com um numeroso conjunto de *desconhecidos(as)*, inominados(as) que buscavam apanhar no espaço da cidade o caminho da almejada vida abastada ou mais comumente, a trilha simplória duma razoável situação minimamente confortável. Foram estes(as) que se lançaram na empreitada de riscos e possibilidades que é a travessia do migrar. Defrontados(as) com a necessidade da partida se agarraram ao *fare l'America* (em português “fazer a América”), significando muito mais do que frias estatísticas, influenciando a condução da história, demarcando presenças e sinalizando caminhos possíveis. Assim, nesse processo se desenha um enorme contingente<sup>6</sup> de indivíduos que se lançaram na empreitada de se despedirem da terra de origem e em “terras outras” reformularem as próprias vidas, os próprios rumos, numa nova sociedade, repleta de discrepâncias sociais com a sociedade de origem: não se trata de heróis, mas

---

<sup>4</sup> Embora seja possível uma análise dessas *desarmonias* a partir de suas fotografias como interessantemente realizou Carlos José Ferreira dos Santos em sua obra “*Nem tudo era italiano*”.

<sup>5</sup> O fotógrafo italiano Vincenzo Pastore fotografou São Paulo de 1899 a 1918. Com uma atuação marcada pelo *foto-pictorialismo* Pastore se atentou aos lugarejos da urbe, aos arredores da capital assinalando em seus registros uma cidade ainda não urbanizada, com arruamento irregular e casario colonial, uma São Paulo diversa à do postal e assim, pincelada pela nuance. Cf. BELTRAMIM, Fabiana. *Entre o estúdio e a rua: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP, 2015.

Um interessante conjunto de registros fotográficos de Pastore está disponível no portal “*Brasiliiana Fotográfica*”, projeto da Fundação Biblioteca Nacional em parceria ao Instituto Moreira Salles. Aponta-se tal fundo (além de outros) como fonte profícua para estudos de diversos temas, tais como: sociologia urbana, história da cidade de São Paulo entre outros.

<sup>6</sup> A estimativa de quantos seres humanos deixaram suas terras de origem para lançarem-se em terras brasileiras entre o final do século XIX e o início do XX é sempre motivo de ressalva pelos historiadores. Entretanto, alguns autores arriscam estabelecer alguns números, expondo sempre a relatividade de tais quantificações: Odair da Cruz Paiva, por exemplo, sinaliza que entre o período de 1820 à 1914 mais de 50 milhões de pessoas cruzaram o Atlântico para desembarcarem na América (In: PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI*. – São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013). Por sua vez Mario Carelli (CARELLI, Mário. *Carcamanos e comendadores: os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1930)* – Tradução de Lygia Maria Pondé Vassalo. – São Paulo: Ática, 1985.) indica que, num período mais circunscrito, por volta de 3.390.000 desembarcam no Brasil. Vejamos que uma comparação mais precisa dos números torna-se quase inviável, por conta da diferença nos dados manipulados pelos autores. Boris Fausto, autor de *Historiografia da Imigração*, sentença a ausência de uma investigação mais abrangente da documentação sobre a inserção do imigrante, essencialmente, no cenário urbano. In: FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991, p.25-6. Outra questão a ser pontuada em relação à esta *quantificação* da entrada de imigrantes está na profunda dificuldade em se estabelecer, com precisão, que quantidade dentro deste número (*os que entraram*) se fixaram no país.

de sobreviventes. Assim, na busca de se imaginar e delinear uma única trajetória, estamos, ao fim, a tratar dos variados sonhos e projeções de vida de toda uma coletividade, nos aproximando de subjetividades tanto distintas quanto próximas. Daí a opção pela investigação em textos jornalísticos, uma vez que há aí, nestas fontes, a sugestão de narrativas sobre tal processo: criam-se estereótipos e narrativas heróicas, fiam-se boatos e afirmam-se identidades que povoam o imaginário social até nossos dias.

Aliás, uma reflexão ainda pendente para nós da História está relacionada às fontes e, principalmente, como lidamos com elas. É necessário, e profundamente pertinente, mostrarmos com quais vestígios articulamos nossa investigação, como os abordamos enquanto fontes de acesso ao pretérito – tal postura muito mais fortalece o trabalho reflexivo do que o enfraquece como podem pensar.

A documentação averiguada nesta Monografia se constituiu num variado conjunto de excertos jornalísticos referentes ao indivíduo investigado, algumas propagandas dos cigarros *Sudan* (arroladas em livros especializados e principalmente nos jornais da época), fotografias e mapas da região de Itaquera entre outros materiais. A investida em periódicos se deu, acima de tudo, por haver ali a expressão do ideário civilizador muito próprio da cidade de São Paulo do início do século XX. E é através do desmonte do discurso exposto nessa documentação que se procurou refletir sobre nosso objeto. Sobre a documentação cabe ainda pontuar, o constante confronto com os “silêncios” encontrados; tão presentes e sugestivos que seria inútil fugir deles. Palpitava, em certas ocasiões, a lacuna informacional: recaía-se, então, ao que chamamos de “silêncios eloquentes”. “Eloquentes”, pois nos informam de uma maneira peculiar: pelo que não está dito. E se o que é encontrado em um documento (seja ele um relatório policial ou um mapa) é uma construção de quem o produziu, aquilo que, a princípio, não está aparente (aquilo que não expresso no documento, fica implícito no campo do subentendido) ou o que foi excluído no ato de imaginação-criação muitas vezes, construção também é!

Os periódicos consultados através da plataforma da *Hemeroteca digital* dividiram-se em dois grupos: periódicos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os periódicos pesquisados do estado de São Paulo foram o *Correio de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Diario Español*, *Diario Nacional*, *Il Moscone*, *Il Pasquino*, *O Combate* e *O Estado de S. Paulo*; do Rio foram analisados *A Batalha*, *A Noite*, *Diario Carioca*,

*Jornal Careta, O Imparcial e O Malho*. Sinaliza-se, que em alguns casos utilizou-se mais de uma edição de determinado jornal.

Esta monografia está estruturada, então, de maneira a permitir a averiguação de algumas máximas presentes no imaginário e em alguns livros da historiografia acerca do papel do imigrante italiano na urbanização da cidade de São Paulo. Ora visto como um europeu que veio desempenhar papel capital no desenvolvimento urbano, legando uma estética de edifícios ecléticos, ora como um potencial empreendedor que alavancou a indústria nacional, o italiano é tratado como um “herói exógeno” que captou a energia da suposta “fibra bandeirante” e a assimilou, contribuindo para o “progresso” da cidade. As dimensões de conflito, preconceito racial e linguístico, bem como de condutas têm aparecido em estudos que tratam da imigração e também da história do trabalho, mas, efetivamente, ainda não foram produzidos trabalhos devotados à história urbana em que o imigrante italiano se relacione com a produção material e simbólica da cidade.

Com esta percepção, a presente monografia, produzida dentro do grupo de pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica – Caph, intenta compreender as relações sociais, simbólicas e físicas praticadas por um italiano radicado no país que, se por um lado, permite rever a imagem do industrial, sua relação com o operariado e com a elite dirigente, por outro, também nos brinda com a possibilidade de entrada à cidade, e em territórios que guardam histórias necessárias à reavaliação da urbanização paulistana. Desta maneira, Sabbado D’Angelo foi estudado não como mito, símbolo ou vulto, mas como agente histórico, e sua trajetória na cidade de São Paulo, pensada por meio das preocupações biográficas, permite verificar que estratégias de sobrevivência se manifestaram de forma brutal nos negócios do estrangeiro.

Esta monografia se organiza em três capítulos, além desta introdução e das Considerações Finais. No primeiro capítulo, intitulado “O que nos diz um nome?”, discutimos a pluralidade de imagens sociais referentes à nosso objeto-indivíduo, buscando compreender como cada uma dessas imagens esteve relacionada à interesses específicos, porém complementares. No segundo capítulo, “D’Angelo e a Pauliceia”, abordamos as particularidades da trajetória do industrial italiano, de modo a compreendê-la enquanto pertencente à um contexto social farto de normas sociais, às quais influenciavam e eram influenciadas pela presença de indivíduos como

D'Angelo. No terceiro capítulo, "Por detrás dos muros", busco tratar das diversas presenças no casarão de Sabbado D'Angelo no transcorrer das décadas, relacionando-as à uma variada nuance de memórias sobre o bem. Essa diversa significação do casarão vem, nos dias atuais, influenciar a forma como a edificação é pensada (ou melhor "imaginada") e apropriada pela cidade enquanto um vestígio do vivido pretérito, no ambiente urbano da periferia da cidade de São Paulo.



## Capítulo 1

### O QUE NOS DIZ UM NOME?

A rosa antiga permanece no nome, nada temos além do nome.  
(Umberto Eco em *O nome da rosa*)

O título deste capítulo nos lança à uma indagação. Shakespeare, no ato II da cena II de sua mais difundida peça, nos invade com pergunta parecida – “O que há em um nome?”. Talvez, de forma mais apropriada, a pergunta capitular poderia ser feita da seguinte maneira: o que nós, pesquisadores(as) devotados(as) aos arranjos diversos da vida social, podemos abstrair de uma informação tão difundida, tão banal? Seria o nome simplesmente uma forma de individualização e identificação/designação que, ao longo do tempo foi se estruturando, de modo a chegar à nossa época como um pressuposto sociocultural inexorável? Seria uma atribuição social indissolúvel? A pergunta pode parecer confusa ou até mesmo dispensável, entretanto ela é toda permeada de sentido.<sup>7</sup>

Uma curiosa reflexão do quanto este conceito (o *nome*) e a formulação virtual à ele relacionada são, em si, construções históricas se encontra na peculiar história do ardiloso Arnaud duTilh, propalada no interessante filme “*Le retor de Martin Guerre*”<sup>8</sup> - e na expressiva obra homônima da historiadora Natalie Zemon Davis, que realizou a curadoria histórica do filme.<sup>9</sup> O longa-metragem narra a história de Martin Guerre, um camponês que, por razões desinteressantes à nosso propósito, em meados de 1548 deixa sua pequenina aldeia de Artigat - no que hoje chamamos França - para vagar, sem rumo certo, desvencilhando-se da pacata vida da aldeia. Deixando para trás sua jovem esposa, Bertrand de Rols, o também jovem Guerre se ausenta por longos anos de Artigat. Findam-se anos até que, enfim, por volta do ano de

---

<sup>7</sup> Não à toa, Spencer Vampré (considerado um dos pioneiros no estudo do “*nome*” no Brasil) sentenciara lá em 1935 que: “constitui, assim o nome o mais antigo, o mais geral, e o mais prático elemento de identificação que possuímos, pois, *estando todos sujeitos à lei da associação das idéias*, a expressão de um nome nos faz acudir logo ao espírito da pessoa a quem ele se aplica, uma vez que a imagem sonora e a imagem física se tenham ligado duradouramente em nossa memória.” (grifo meu). In: VAMPRÉ, Spencer. *Do Nome Civil*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1935, p.38.

<sup>8</sup> O filme, lançado em maio de 1982, conta com roteiro de Jean-Claude Carrière e direção de Daniel Vigne.

<sup>9</sup> O historiador italiano Carlo Ginzburg, no texto “*Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis*” discorre sobre o trabalho de Natalie Davis, refletindo sobre as peculiaridades do trabalho da(o) historiadora(or) no trato com certa documentação, objetivando uma discussão mais profunda sobre procedimentos da micro-história, essencialmente quando a documentação apresenta ao(a) pesquisador(a) certas lacunas. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Trad. António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 179-202.

1556, Martin retorna à pequena aldeia. Ocorre, no entanto, que quem realmente regressa não é o “verdadeiro” Martin Guerre, mas sim um impostor, o sedutor Arnaud duTilh, que sabendo da história de errância e desaparego de Guerre, faz-se passar por ele. A princípio, Arnaud com sua prodigiosa memória consegue encarnar a *persona* de Martin Guerre, de modo a ludibriar sua família, sua esposa e a gente da aldeia durante alguns anos; até que uma série de desencontros ocorre na localidade, de modo que a identidade do camponês e passa a ser questionada. Com o regresso do verdadeiro Martin Guerre, o enredo revela um tortuoso “processo judicial”, em que Arnaud duTilh é condenado por *impostura*, em 12 de setembro de 1560.<sup>10</sup>

A questão que fica para nós, hoje, é de uma peculiaridade quase que indizível: no limite, o ludibrioso Arnaud duTilh só conseguiu usurpar a identidade de outrem por deter informações pessoais mais ou menos precisas, e acima de tudo, por saber um nome - no caso “Martin Guerre”. Numa realidade histórica (tempo-espacial) em que registros individuais eram inexistentes<sup>11</sup> e marcadamente rural, na qual, também, as relações sociais eram pautadas por laços menos rígidos, o nome era não só uma forma de identificação, mas era ainda um construto social importantíssimo para a manutenção de toda uma rede de relações sociais: o nome e só o nome era, a distinção, a identificação e, por fim, a fundamentação basilar do que era ser e estar aos olhos dos outros dentro daquela sociedade, daquele microcosmo ainda que não possuísse caráter jurídico. O nome era, dessa forma, o pressuposto à individualidade, ou de forma mais oportuna, à própria personalidade.<sup>12</sup>

Tais linhas servem para nos atentarmos à importância do nome, enquanto aspecto aberto à investigação histórica. Em “*O nome e o como*” Carlo Ginzburg revela o quanto a possibilidade de inquirir o passado através de contingências mais circunscritas, de aldeias a indivíduos, é frutífera<sup>13</sup>. De tal modo, ao

---

<sup>10</sup> Uma oportuna e mais pormenorizada descrição do filme, assim como uma interessante discussão sobre as implicações da relação entre cinema e história foi feita por Alberto Ribeiro da Silva e encontra-se em BARROS, José D’Assunção (org.). *Cinema-História*. Rio de Janeiro: LESC, 2007, p. 87-118.

<sup>11</sup> E por isso em relação aquele período, ainda hoje, se recorre à fontes que, na maioria das vezes, nos aproximam de contingentes populacionais: fontes cartoriais, censos populacionais e ou, nos melhores casos, processos judiciais. In: GINZBURG. Carlo. Op. Cit. p. 183.

<sup>12</sup> Como não conjecturar que, em certa medida, Arnaud de Tilh inseriu-se na vida de desconhecidos(as) por estar ciente de que provas cabais de sua fraude não existiam, uma vez que um registro do código nominal de sua “vítima” era inexistente.

<sup>13</sup> GINZBURG. Carlo. Op. Cit. p.169-78.

propor uma investigação da trajetória de um industrial ítalo-brasileiro, seu nome recai sobre a documentação, de modo que é indissociável, em certos momentos, uma análise do indivíduo e da própria documentação. Não à toa, a grande parte da documentação arrolada advém de uma pesquisa realizada na base de dados *Hemeroteca Digital*, da Biblioteca Nacional<sup>14</sup> pela qual se procedeu a uma enorme e profícua busca pelo nome (e suas “variações”) de meu objeto-indivíduo histórico: Sabbado Umberto D’Angelo.

Daí ser interessante pensarmos sobre a ideia do “nome”. É essa construção, esse conceito que nos permite, a princípio, a apreensão de algo ainda etéreo, fugidio...

### 1.1 As diversas faces que um nome pode ter

Quem foi Sabbado [Umberto] D’Angelo? Tal pergunta, a par de ter balizado boa parte de minha busca pela documentação, ressoa, de maneira distinta é certo, por todo o texto desta Monografia.

Quem é e quem foi Sabbado D’Angelo? Quem é, toda gente o sabe já, não só em São Paulo, porque o seu nome já transpôs os limites do Estado, derramou-se pelo Brasil e já é mesmo conhecido no Exterior. Sabbado D’Angelo é o “*Rei do Fumo*” do Brasil[...].<sup>15</sup>

Assim, o nome *Sabbado D’Angelo* nos chega por uma série de vestígios documentais que, arrolados e postos num mesmo painel, nos dão, a princípio, uma imagem difusa e limitada do respectivo indivíduo. E essa é uma situação totalmente aceitável e compreensível, até porque condiz com o próprio contexto de produção de documentos. A documentação é produzida por diferentes relações e/ou processos sociais, possuindo cada tipologia documental sua própria lógica – daí a afirmação de Heloísa Liberalli Bellotto de que o “documento de arquivo só tem sentido se relacionado ao meio que o produziu”.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> A “Hemeroteca Digital Brasileira” é um projeto da Fundação Biblioteca Nacional, com apoio da FINEP e do BNDES. A *Hemeroteca* constitui-se num “portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, (ao) acervo de periódicos (da FBN)”.

<sup>15</sup> *O imparcial*, 29 de nov. de 1936.

<sup>16</sup> BELLOTTO, Heloísa L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.25.

Os registros civis apresentam-nos os indivíduos enquanto nascidos e mortos, pais e filhos; os registros cadastrais, enquanto proprietários ou usufrutuários; os autos, enquanto criminosos, enquanto autores ou testemunhas de um processo. Mas assim corre-se o risco de perder a complexidade das relações que ligam um indivíduo a uma sociedade determinada.<sup>17</sup>

É interessante pensar o quanto a afirmação de Ginzburg encontra veracidade no caso de D'Angelo: não fosse um nome, certamente teríamos pelo conjunto de documentos arrolados a ideia de estarmos diante dos rastros de vários sujeitos. Essa afirmação é possível - logicamente enquanto uma metáfora - pois a enorme quantidade de informações relacionadas ao nosso objeto, se apreciada num único momento, nos desvela um mosaico um tanto desconcertado deste. Dos registros documentais levantados apreende-se uma imagem, mas ainda fragmentária, sem muitos contornos exatos das conexões entre as partes do mosaico. Dessa maneira, Sabbado D'Angelo emerge da documentação ora como o bem sucedido industrial italiano do ramo do tabaco, ora como o admirável empresário benfeitor do esporte paulista e incentivador da vida cultural. Todos esses índices, inicialmente disparatados, nos possibilitam constituir uma imagem mais detalhada do sujeito histórico vislumbrado, até porque é essa descontinuidade do real, essa aparente falta de lógica entre as diversas peças que compõem o cotidiano que sustentam a percepção da *vida humana* em sociedade. Por isso é profundamente atraente, nesta monografia, pensar tais vestígios documentais partindo do paradigma indiciário do já citado Carlo Ginzburg.<sup>18</sup> A impecável imagem do imigrante enriquecido, este sujeito que foi D'Angelo: é este ponto ao fim de vários caminhos, os quais temos a impressão de se tratarem de meros vestígios.

Tendo chegado ao Brasil com seus pais, em alguma data entre os anos de 1883/1884 pelo porto do Rio de Janeiro, o então menino Sabato, com pouco mais de cinco anos teria se direcionado à cidade de São João Del Rei, no estado de Minas Gerais<sup>19</sup>. Ali, na cidade mineira, Sabbado D'Angelo teria vivido junto a seu núcleo familiar até completar seus vinte e cinco anos, quando então decidiu dirigir-se à

---

<sup>17</sup> GINZBURG, Carlo. In: Op. Cit. p.173.

<sup>18</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>19</sup> É interessante pontuar que o Estado de Minas Gerais representou “a terceira área em ordem de importância dentre as atingidas pela emigração peninsular”. In: TENTRO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de Imigração italiana no Brasil*. Tradução de Maria Rosaria Fabris & Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Nobel, 1989, p.139.

crescente cidade de São Paulo, no ano de 1904. Na *Paulicéia*, teria se inserido de vez no mundo industrial, trabalhando em ao menos duas fábricas. É somente em 28 de março de 1912, que o imigrante italiano irá registrar sua firma,<sup>20</sup> o embrião da fábrica *Sudan*. Três dias depois, há o registro por parte do empreendedor, na *Junta commercial*, da marca “*Cigarros Barão*”.<sup>21</sup> Pervagando o tempo, chegamos ao final da década de 1930, e ao acessarmos essas mesmas páginas – as dos jornais da época – encontraremos imagem profundamente distinta de *Sabato Angelo* (uma das grafias encontradas para o nome de D’Angelo)<sup>22</sup>: nessa documentação, não há mais a imagem do jovem empreendedor italiano, sem posses, sem nome e sem fama. Há, por outro lado, uma figuração imbuída de elogios (alguns póstumos) direcionados à sua figura, de industrial/empresário exemplar, fruto do empreendedorismo capitalista. São duas imagens distintas de um mesmo indivíduo, separadas por décadas de articulação social no seio da “sociedade de inserção”.

Assim, chama a atenção o fato de que embora todas as notas e matérias realizadas após sua morte falem de sua “sentida ausência”, nenhuma delas reproduz uma linha sequer a respeito do mal que o abateu. Como se fosse macular a imponente imagem do exemplar empresário, a morte aparece nesses textos como um mero detalhe: parece não haver espaço até mesmo à morte ante à magnânima retórica mnemônica do capitalista admirado.

Com sua morte, no dia 8 de dezembro de 1938 (uma quinta-feira) rezaram-se missas de “sétimo dia” em São Paulo na “Egreja de Santo Antônio do Pary”<sup>23</sup> e no Rio de Janeiro no “altar Nossa Senhora das Dôres da igreja da Candelaria”.<sup>24</sup> Muito atreladas à suas articulações em vida, as notas fúnebres a respeito da missa de 7º dia nos informam, a princípio, sobre a reverberação da morte do capitalista e seu impacto social. Além disso, a forma como foram expostas, com relativo destaque nos diversos jornais, expressa o quanto e como a formulação de uma

---

<sup>20</sup>*Correio Paulistano* - Expediente da Junta comercial, 28 de mar. de 1912.

<sup>21</sup>*Correio Paulistano* - Expediente da Junta comercial, 31 de mar. de 1912.

<sup>22</sup> Sabe-se que uma estratégia adotada pelos imigrantes (principalmente os oriundos da Itália) para facilitação de sua inserção na sociedade brasileira era o *aportuguesamento* do nome. In: CARELLI, Mário. *Op. Cit.*

<sup>23</sup>*Correio Paulistano*, 14 de dez. de 1938.

<sup>24</sup>*A Noite*, 13 de dez. de 1938.

narrativa pessoal estava implicada pelo que era veiculado nos periódicos. A seguir uma das notas fúnebres publicadas por conta da Missa do sétimo de dia de sua morte—no caso pelo Jornal *O Estado de S. Paulo*.



Imagem 1 – Notas fúnebres a respeito da Missa de 7º dia de Sabbado D’Angelo

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 14 de dez. de 1938

Vejamos que a segunda nota evidencia o fato do “conjunto” de “funcionários [...] e empregados de diversos misteres da FABRICA DE CIGARROS ‘SUDAN’” agradecer o “povo paulista” pelas demonstrações de carinho em relação ao falecido empresário; analisando-a em relação à primeira nota, percebemos a projeção de uma coadunação entre o público (a fábrica) e o privado (a unidade familiar). A ideia implícita é a de que a Fábrica é a extensão da própria família. Dois âmbitos sociais distintos, confundidos pelo luto ao exemplo capitalista de D’Angelo. Segundo nossa interpretação esta relação, é oportuno ressaltar, só caberia num contexto de afirmação de uma “cultura do trabalho”, em que a obediência a esta nova forma,<sup>25</sup> significava a mais indicada postura a se assumir, dentro, é claro, daquele projeto social.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> O processo de urbanização marca não só a reformulação urbanística da cidade, mas também uma mudança na forma como o trabalho é percebido pela população. Se as *esfumaçantes* chaminés passaram

E se D'Angelo, já falecido, não deixara de ser revivido por sua conduta pessoal-empresarial exemplar – e mais uma vez, os cenários a se confundirem<sup>27</sup> - esta persistente recorrência à sua memória, encenada nas páginas de diversos periódicos, estará fortemente associada ao embuste pessoal criado ao longo de sua trajetória: a imagem póstuma muito bem polida do industrial e empresário *moderno*, prodigioso em inovações comerciais, será o reflexo de toda articulação de Sabbado D'Angelo em vida; sua reputação enquanto um projeto seu.

Para compreendermos como a formulação de uma imagem pessoal estava em profundo diálogo com a reorganização da própria sociedade paulista (essencialmente em suas forças econômicas e culturais)<sup>28</sup> é fundamental ressaltar a novel figura do “empresário-industrial”, não somente pela importância da ação destes sujeitos (sociais e históricos), mas acima de tudo pela relativa centralidade atribuída à esta figura por aquela sociedade. Desta maneira, numa visão crítica de tal ator social,

---

a marcar e orientar, cada vez mais, a paisagem paulistana, a sua ereção se dava junto à afirmação de todo um cipoal de valores, imbricados às novas formas de trabalho, no cenário urbano: a despersonalização da forçosa ideia de *coletividade* no mundo fabril ensejara, por outro lado, a possibilidade de formação de outras identidades sociais. Um comentário sobre as distintas formas desta “cultura do trabalho” se encontra nos primeiros parágrafos do artigo de Jacob Carlos Lima, do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. In: LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *Sociologias* [online], Porto Alegre, ano 12, n. 25, set./dez. 2010, p. 158-198. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222010000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em 01 de set. de 2015.

<sup>26</sup> É preciso pontuar que, de uma maneira ou de outra, a imposição de novos comportamentos sociais (a repercussão no cotidiano do horário fabril, por exemplo) e/ou a elaboração de um discurso respaldando a submissão à nova organização do mundo do trabalho estarão, implícita ou explicitamente, expostas na tessitura documental arrolada para esta Monografia.

<sup>27</sup> Na primeira nota, “seus parentes” expressam seu luto pontuando a “perda do sempre inesquecível Sabbado D'Angelo”; por sua vez, na nota fúnebre seguinte os funcionários se direcionam ao finado industrial como “(o) sempre saudoso chefe e amigo”, o que mais uma vez reitera a relação - fluída ou confusa- entre a figura do patrão e a pessoa do amigo, isto é, entre o público e o privado.

<sup>28</sup> A reorganização referida neste caso está muito mais na forma como aquela sociedade passou a se estruturar, do que em sua imagem exterior – questão que será retomada a frente. Cabe, entretanto, já aqui apontar que tal reorganização esteve referendada pela crescente industrialização paulista. Se em 1907 a produção industrial paulista representava apenas 16,5% da produção da indústria nacional, esta porcentagem em 1920 já era de 31,5% e ao final da década de 30 alcançara os 43,2%. Significando a princípio, o aumento da importância da atividade industrial paulista no cenário brasileiro, tais taxas representaram, é certo, a indução de todo um quadro social no estado e na cidade de São Paulo: um quadro profusamente paramentado com expectativas econômicas, sociais e políticas dos diversos grupos que se originavam e/ou se reordenavam à época. SINGER, Paul. Desenvolvimento - São Paulo In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.) *História econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo, 2004, p. 181.

mas ao mesmo tempo desgarrada de polarizações ideológicas,<sup>29</sup> podemos descortinar o contexto social por detrás do resplandecente cenário, erguido pelo engenho discursivo da época, expresso na documentação.

De tal forma, as diversas menções à D'Angelo e sua suposta qualidade de *empreendedor* acomodam, diante de nossos olhos, certa lógica possibilitando-nos uma reflexão mais apurada da trajetória do sobredito italiano. Quando revistamos os discursos sobre ele (mas também os de seus pares: Crespi, por exemplo) notamos a insurgência de uma ideia essencial para entendermos a São Paulo da primeira metade do século XX: a inovação e o arrojo capitalistas, qualidades deflagradas em elogios marcados por uma individualização, buscaram infor à coletividade que o lugar ocupado por D'Angelo, distinto do ocupado pela enorme maioria da população, é, senão resultado inexorável e exclusivo da obstinação individual dele, um dos “grandes e entusiasticos batalhadores (da indústria bandeirante)”.<sup>30</sup> Resguardava-se assim, a ideia de que o empresário-industrial (italiano) era sujeito fundamental àquela sociedade.<sup>31</sup>

A própria imprensa e os jornais em língua italiana, que tanto se indignavam com a sujeira dos bairros populares, estavam dispostos, em qualquer ocasião, a exaltar o gênio, a determinação e o senso de oportunidade – todas virtudes “italianíssimas” – que permeavam a obra dos figurões da colônia.<sup>32</sup>

Esse suposto dinamismo empresarial ratificado pelos jornais esteve então atrelado à certa (re)configuração do cenário social paulista. Na matéria “*Premiando os esforços de um grande industrial*”<sup>33</sup>, por exemplo, o *Correio de São Paulo* ressalta que o industrial S. D'Angelo “tem, sobre o *problema social dos operários*, as concepções mais modernas” (com grifo nosso). Notemos neste trecho duas coisas: a primeira se refere ao modo, em certa medida, pejorativo como a questão do(a) trabalhador(a) era veiculada na matéria, expressa como um “problema social”. Segundo, a menção à uma concepção “mais moderna” sobre tal assunto; se a relação

<sup>29</sup> Às quais, provavelmente, nos direcionaríamos à um entendimento de tal realidade histórica eivado de julgamentos.

<sup>30</sup> *Correio de S. Paulo*, 23 de fev. de 1934.

<sup>31</sup> Esta ideia foi debatida por Joseph Schumpeter em seu trabalho *A Teoria do desenvolvimento econômico*, em que o mesmo pondera a respeito do “novo homem” vinculado às novas formas de produção aduzidas pelo Capitalismo, discorrendo sobre o suposto caráter “fundamental (à) qualquer sociedade” do empresário. In: LIMA. Op. Cit., p. 165.

<sup>32</sup> TENTRO, Angelo. Op. Cit. p.139.

<sup>33</sup> *Correio de S. Paulo*, 19 de dez. de 1933.



entre patronato e proletariado tinha suas próprias lógicas e dinâmicas, a forma de compreendê-las não escapava à dialética daquele período, em que o peso do que era chamado “moderno” inevitavelmente recaía sobre todas as narrativas e projeções de futuro. Ao final da matéria, expõe-se o “resultado” das modernas concepções do industrial em relação a seus empregados:

resolveram os empregados e operários da fabrica de cigarros Sudan oferecer ao sr. Sabbado d’Angelo uma estatua sua em bronze, de tamanho natural, que se acha exposta numa das vitrinas do centro da cidade, como prova de amizade e reconhecimento pelo muito que o industrial tem feito a favor dos que se dedicam ao trabalho em sua indústria.<sup>34</sup>

Conforme Marcia Padilha, uma das maiores transformações na cidade de São Paulo e, principalmente, no cotidiano de seus(suas) moradores(as) foi a valorização do comércio paulistano, ocorrida durante a passagem da primeira década do século XX para a segunda - à grosso modo, 1915-1925.<sup>35</sup>

O empresariado, industriais, comerciantes e políticos (uma grande parte, oriunda das tradicionais famílias paulistas) participaram ativamente do processo de reformulação da capital. Embora tal questão seja aprofundada no Capítulo 2 desta Monografia, cabe assinalar a importância que o debate em relação à reformulação da cidade ocupava naquele momento. A racionalização do espaço urbano, cujo suposto fim seria uma cidade mais higienizada, mais bem organizada e, conseqüentemente, mais proeminente e convidativa “tornava-os afinados com o *desejo mais ou menos disseminado de transformar a cidade em metrópole*” (grifo nosso).<sup>36</sup>

Não será ao acaso que inúmeras vezes Sabbado D’Angelo despontará da documentação arrolada, enquanto benevolente financiador de festejos e eventualidades esportivas. Na nota “*Está chegando a hora!*” o jornal carioca *A Noite*<sup>37</sup> noticiava:

---

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> PADILHA, Marcia. *A cidade como espetáculo: publicidade de vida urbana na São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001, p. 67.

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> Vejamos que a atuação de Sabbado D’Angelo, enquanto agente social, não se restringiu à cidade de São Paulo e/ou ao Rio de Janeiro (à época distrito federal), uma vez que o industrial italiano desenvolveu negócios em outras cidades do estado de S. Paulo: Campinas, Piracicaba, Ribeirão Preto, Ourinhos, Santos entre outras. Cf. *Diario Nacional*, 25 de mai. de 1930.

Concorrendo para que se torne mais empolgante a luta entre os três grandes clubs carnavalescos, na Terça-feira Gorda, o Sr. Sabbado d'Angelo instituiu, este anno, um rico premio – A “Taça Barão”, para ser conferido ao club que, a juízo da A NOITE, apresentar o melhor carro allegorico, Essa taça, toda de prata, será exposta ao publico dentro de poucos dias.<sup>38</sup>

A valorização da competição entre os *clubs carnavalescos* por meio da oferta de um “ostentoso prêmio”, pode também ser lida como um investimento na realização do próprio festejo carnavalesco. Indubitavelmente, a figuração de tais atores sociais (principalmente empresários e comerciantes) nestas ocasiões não estava somente relacionada à um suposto gosto pela cultura, mas acima de tudo à um interesse em incrementar tais festividades, tornando-as um tanto mais requintadas e “atraindo, assim, potenciais consumidores”.<sup>39</sup> Além disso, o financiamento ou patrocínio destes festejos e eventos abria aos comerciantes e empresários (essencialmente, os imigrantes como D'Angelo) a possibilidade de inserção social nas camadas “mais elevadas” da sociedade receptora; sociedade esta que estava, à época, sendo redefinida por esses mesmos processos – questão abordada adiante. De tal maneira, é interessante expor o trecho final da respectiva nota, em que se lê:

O Sr. Sabbado d'Angelo, o instituidor da “Taça Barão”, foi também o ofertante da “Taça Sudan”, distribuída com enorme sucesso, no anno passado, aos Fenianos. O instituidor do novo premio, o Sr. Sabbado d'Angelo, é o proprietário da grande fabrica dos premiados cigarros Sudan, de São Paulo; mas dedica especial carinho ás festas carnavalescas cariocas, concorrendo sempre para que ellas tenham o maior brilho possível.<sup>40</sup>

Dessa forma, o industrial conseguia instituir uma positiva imagem ante à sociedade, na qual, muito possivelmente, haveria um público consumidor em potencial. Não à toa, no excerto acima é enfatizado, justamente, o fato de D'Angelo ser proprietário “*da grande fábrica dos premiados cigarros Sudan*” (em grifo nosso), ou seja, num só momento realizava-se duas “propagandas” relacionadas à D'Angelo: primeiro vendia-se sua imagem de benfeitor social e em seguida propagandeava-se seu nome<sup>41</sup> e sua marca, a *Sudan*.

---

<sup>38</sup>A *Noite*, 19 de jan. de 1921.

<sup>39</sup>PADILHA, Marcia. Op. Cit. p.67.

<sup>40</sup>A *Noite*, 19 de jan. de 1921.

<sup>41</sup> É oportuno cogitar que o fato de se mencionar a condição social de Sabbado D'Angelo logo após apresenta-lo como um indivíduo altruísta parece seguir um raciocínio de que somente estes *new mens*,

Na imagem 2, vemos Sabbado D'Angelo na sede do Clube de Regatas Vasco da Gama, recebendo das mãos do então presidente cruz-maltino, Pedro Novaes, os *debentures*<sup>42</sup> correspondentes aos dez contos que adquirira.



Imagem 2 – Manchete jornalística

Fonte: *A Noite*, 27 de ago. de 1937

Num contexto em que o apreço ao capital financeiro passou a se confundir com o profundo apego ao capital cultural,<sup>43</sup> essas ações de D'Angelo (e de tantos outros) apresentam sentido bastante claro. Segundo nossa interpretação, os

---

resultados da equação “industrialização capitalista e modernidade urbana”, eram capazes de gestos tão grandiosos. Sobre isso veja: PADILHA, Marcia. Op. Cit. Cap. III - Construindo a cidade.

<sup>42</sup> Segundo a BM&F Bovespa debenture é “um título de dívida, de médio e longo prazo, que confere a seu detentor um direito de crédito contra a companhia emissora. Quem investe em debêntures se torna credor dessas companhias. [...] Ao emitir debêntures, as companhias podem utilizar os recursos captados para o financiamento de projetos, reestruturação de passivos, aumento de seu capital de giro.” Em termos mais genéricos, *debenture* é um mecanismo de captação de recursos utilizado por empresas. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/renda-fixa/o-que-sao-debentures.aspx?idioma=pt-br>> Acesso em 14 de set. de 2015.

<sup>43</sup> Trata-se, objetivamente, de uma das singularidades implícitas àquele cenário social, isto é, a confrontação da tradicionalíssima figura do baronato paulista com a modernidade arrebatadora estampada nos rostos dos *nouveaux riches*- essencialmente os industriais imigrantes enriquecidos. GIORGETTI, Ugo. A Cidade e nós. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: Departamento do Arquivo Histórico de São Paulo, v.205, 2014, p.159-169.

patrocínios serviam como mecanismos de afirmação cultural, e não eram, nem de longe, ações despidas de interesses. Nesse sentido, cabe pontuarmos que o “gesto de sportsman” de D’Angelo foi compensado pelo clube carioca, da forma que expõe o texto da matéria:

Socio honorário

Deante do gesto do commendador Sabbado D’Angelo, resolveu a directoriadi Vasco conceder-lhe o título de sócio honorário, caso raro na historia do prestigiado grêmio, que já concedeu, apenas, dois desses títulos.

Incluindo o Sr, Sabbado D’Angelo no seu reduzido quadro de sócios honorários, o Vasco da Gama torna publico seu reconhecimento àquelle industrial, cujas demonstrações de apreço evidenciou ser ele um grande amigo dos portugueses radicados no Brasil.<sup>44</sup>

Toda essa iniciativa social ativada pelo proprietário da Sudan (à primeira vista, embebida em *filantropia e abnegação*), estava, na verdade, inserida numa ampla rede de articulações sociais, em que o prestígio de um nome referendava as possibilidades de ascensão sociocultural. Procurar soltar os nós que envolvem as presenças e caminhos de Sabbado abarca uma reflexão que parte de aspecto presente na discussão até aqui desenvolvida: a dinâmica de afirmação ideológica e inserção social do “estrangeiro” no cenário paulista da época. A questão posta à indivíduos como D’Angelo (isto é, estrangeiros, notadamente europeus, industriais ou comerciantes enriquecidos) era a de que, defronte à uma sociedade promissora, já que em “pleno desenvolvimento”, o tratar com a classe dominante “nativa” era uma das estratégias mais seguras para se inserir e se firmar no seio desta elite.

Os burgueses (...) sabiam que a aristocracia incorpora elementos que eles não tinham nem poderiam ter. Alguns tangíveis, outros meramente simbólicos. *O fato é que esses elementos, a maioria quase impossível de descrever, tinham enorme valor para esses burgueses, no sentido de adicionar a seus nomes todo um cabedal de características acumuladas vagarosamente ao longo dos séculos e que passava muito além do simples dinheiro.* (grifo nosso)<sup>45</sup>

Essa distinção pelo nome serpenteará pela sociedade paulista da primeira metade do século XX, de modo a regular toda uma sociabilidade, muito envolvida à lógica sociocultural própria daquele período, de incipiente industrialização paulista e reorganização dos arranjos sociais – principalmente nas “posições” à frente

<sup>44</sup>A *Noite*, 27 de ago. de 1937. À essa mobilização social do industrial italiano resultará a sua figuração na Comissão de Recepção do “Circuito da Gávea Nacional” (o qual foi financiado por ele, segundo *Jornal Sport Illustrado*, de 25 de maio de 1938), juntamente à Antonio Prado Junior (além de outros figurões como Herbert Moses, Candido Mendes de Almeida, Armando Godoy).

<sup>45</sup>GIORGETTI, Ugo. *Ibidem*. p.159.

do poder. Tal *lógica simbólica* estará expressa na crônica do comentador social, Joel Silveira, quando o mesmo escreve “*O sobrenome*”. E a perspicácia de Silveira é tão inquietante, que nos valem da longa citação:

O primeiro grupo é formado pelos grã-finos de *pedrigree*, os tais paulistas de quatrocentos anos, e representa o pináculo do grã-finismo. São criaturas repletas de antepassados, aqueles senhores heroicos e sem muitos escrúpulos que rasgaram as matas de São Paulo, vadearam os rios, descobriram as montanhas e fizeram as primeiras cidades. Morreram todos, estão enterrados na história, mas deixaram aos seus descendentes um presente régio: *deixaram um cartão de visita, espécie de permanente com o qual um Prado, um Leme e um Alves Lima podem entrar em tudo sem pagar nada.* [...] Cintilantes de joias, as senhoras do segundo grupo, o grupo “reserva”, têm olhos derramados sobre a gente de *pedigree*. É o grupo das filhas dos italianos ricos, o grupo de d. Odete Matarazzo, d. Débora Zampari, d. Rose Frontini, d. Irene Crespi, d. Mimosa Pignatari, d. Helena Noquosi. O pai de d. Odete, por exemplo, veio ver o que havia por aqui, e por aqui havia muito. D. Odete casou-se com um homem muito rico. O que é mais: *tem um sobrenome, e os sobrenomes, quatro ou cinco deles, são donos de São Paulo. D. Odete tem atrás de si fábricas e exércitos de operários. É uma senhora muito poderosa.* (grifos nossos)<sup>46</sup>

A constituição de *mitos* como Francesco Matarazzo, Rodolfo Crespi, Alessandro Siciliano<sup>47</sup> e outros refletia então o rearranjo social instigado pela industrialização paulista, informada, em muito, pela ideologia capitalista; ideologia esta que “não é mais a do laço entre riqueza e as qualidades do nascimento, mas entre o sucesso e o trabalho”.<sup>48</sup> À esses sujeitos era preciso garantir a sua inserção e consolidação social. E tal projeto de poder<sup>49</sup> (uma vez que o alcance de tal intento possibilitaria a dinamização de recursos materiais e simbólicos importantes àquela sociedade) passava como dito, pela reordenação dos esquemas sociais vigentes, ou seja, era necessário ser co-partícipe da urbanização da cidade de São Paulo. Assim, colocando parte de seus poderios industriais/empresariais/comerciais “esses imigrantes muito ricos passaram a integrar o programa paulista da renovação de uma cultura que tinha que expressar o dinamismo da cidade, ser moderna como a época.”<sup>50</sup>

<sup>46</sup> SILVEIRA, Joel. *Grã-finos em S. Paulo* – E outras notícias do Brasil. São Paulo, 1945.

<sup>47</sup> Para uma esclarecedora descrição destes *figurões* da colônia ver: TENTRO, Angelo, p.143-47.

<sup>48</sup> CARELLI, Mário. *Op. Cit.* p.46.

<sup>49</sup> Já que o alcance de tal intento possibilitaria a dinamização de recursos materiais e simbólicos importantes àquela sociedade.

<sup>50</sup> *Ibidem.* p.161.

Mas há ainda, além de todas estas *aparicões* de Sabbado D'Angelo, uma, em especial, que guarda singularidades indizíveis. Se a relação de D'Angelo com a cidade será pensada centralizando-se a discussão no distrito de Itaquera – por conta de questões explicitadas adiante - a presença do industrial naquela espacialidade também deve ser repensada sob condicionantes realmente peculiares.

De acordo com o livro *Herdei os restos mortais do Comendador Sabbado D'Angelo*, escrito por Namar D'Angelo (pseudônimo de Paulete Namar Ribeiro Bruno) e Arriete Marlene D'Angelo, que se auto declaram herdeiras do magnata italiano, Sabbado D'Angelo teria mantido um caso extraconjugal com uma de suas funcionárias, Maria Luiza Jordan Gomes, a qual viria a ser a avó das autoras. Segundo as possíveis herdeiras de D'Angelo, a jovem espanhola Maria Luiza passou a prestar serviços à Fábrica de D'Angelo, enrolando cigarros. Entre idas e vindas à fábrica, deu-se o contato inevitável com “o patrão”. Desenrolou-se então o proibido relacionamento: “o amor, quando é muito ardente, faz acontecer o inevitável. Entregaram-se um ao outro de corpo e alma, trocando muitas juras de amor e promessas de permanecerem eternamente juntos”.<sup>51</sup>

Deu-se assim, conforme a narrativa de Namar e Arriete D'Angelo, a consumação das vontades do ítalo capitalista e da jovem hispânica (e parece evidente o domínio exercido pelo patrão nesta “relação”) o que enfim teria resultado numa gravidez. No dia 26 de maio de 1920 Maria Luiza deu a luz à uma menina; e como são as mulheres que sempre arcam com os maiores pesos de nossa sociedade, coube ao capitalista somente o deleite de batizar a filha recém-nascida. Assim, segundo tal versão, o industrial tomando a criança nos braços e aconchegando-a no colo teria dito: “Parece-se com minha mãe! Em homenagem a ela, vou colocar seu nome em minha filha. Ela vai se chamar Ursulina.”<sup>52</sup>

Com o tempo Maria Luiza engravidara novamente: a relação extraconjugal perdurava, ainda que às escondidas. O casal teria tido então uma segunda filha, nomeada Francisca.<sup>53</sup> O *Rei do Fumo* paparicava a jovem espanhola,

---

<sup>51</sup>D'ANGELO, Namar & D'ANGELO, Arriete. *Herdei os restos mortais do Comendador Sabbado D'Angelo* – São Paulo: Editora Marco Markovitch, 1997, p.16.

<sup>52</sup>Ibidem, p.23.

<sup>53</sup> Em documento encontrado no Arquivo Aguirra, referente ao inventário de D'Angelo, há menção aparente, somente, à Annita Pastore D'Angelo e à Ursulina D'Angelo.

presenteando-a, atendendo seus recônditos desejos e até mesmo tendo lançando “maços de cigarro com sua foto”. Sempre que possível passeavam e D’Angelo

costumava leva-la muito à chácara e à mansão que possuía em Itaquera. [...] Lá encontravam a liberdade em meio às árvores, brincavam [...]. A chácara era linda e tinha uma residência grande e luxuosa. Na entrada da mansão, subindo as escadas, bem no patamar, o nome Sudan estava gravado no chão. Sem contar que tinha uma enorme estátua de bronze de (Sabbado D’Angelo). [...] Esse era o melhor passeio deles, quando podiam realmente estar juntos os quatro.<sup>54</sup>

Ainda de acordo com Namar e Arriete D’Angelo, Sabbado D’Angelo teria tentado enganar sua esposa, Anita Pastore D’Angelo, internando suas duas filhas no Colégio São José<sup>55</sup>, situado à Rua da Glória. Conforme o texto o objetivo de D’Angelo era retornar ao Colégio com sua esposa e, uma vez que a mesma desconhecia a vida extraconjugal do esposo, ele adotaria as próprias filhas. Certas circunstâncias fizeram com que o desejo do infiel industrial não se concretizasse. Por fim, segundo as autoras, a esposa de D’Angelo desejosa por adotar uma criança, já que estérea, dirigiu-se à *Roda*<sup>56</sup> da Santa Casa de Misericórdia, onde encontrando uma menina de nome Ester de Almeida, a adotou e posteriormente veio à trocar seu nome para Ursulina (em homenagem à sua sogra).

A peculiaridade da narrativa exposta está extremamente relacionada, como se pode pensar, com a função (atribuída) do documento referenciado. O livro tem como objetivo amparar a fala das possíveis herdeiras do *Rei do Fumo* (Namar e Arriete D’Angelo), expondo os trâmites de um processo judicial, que se procedeu na década de 1990, relacionado ao legado do comendador, principalmente, a Fundação Anita Pastore D’Angelo.<sup>57</sup> Notabilizado pelo caráter *novelesco* o livro é a clara

---

<sup>54</sup> Ibidem, p.24.

<sup>55</sup> O Colégio São José, fundado em 1880, foi fechado em 2006, segundo notícia da *Folha de S. Paulo* Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u19119.shtml> > Acesso em 10 de set. de 2015. Em 2007, o Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) abriu processo de Tombamento do “conjunto arquitetônico do antigo Colégio São José”, como informa a resolução do Conpresp – Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/bad43\\_04\\_APT\\_Colegio\\_Sao\\_Jose.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/bad43_04_APT_Colegio_Sao_Jose.pdf)> Acesso em 10 de set. de 2015.

<sup>56</sup> A “*roda dos expostos*” ou “*dos enjeitados*” consistia num engenho usado para expor crianças que eram abandonadas por suas famílias, e que ficavam aos cuidados de instituições de caridade, no caso supracitado, a Santa Casa de Misericórdia. Segundo o Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo Eng. Augusto Carlos Ferreira Veloso, a roda da Santa Casa de Misericórdia funcionou no período de 1825 a 1950.

<sup>57</sup> Processo n° 0129/95, Vara da Família e das Sucessões do Fórum Central, São Paulo – Capital.

expressão do entendimento delas do pretérito, em que a narrativa tecida está, explicitamente, direcionada a tornar a memória sobre o passado adequada a determinados atores, em desfavorecimento de outros. À par de seu caráter, digamos, *de arguição*, o livro, indiretamente, vai nos dando vestígios de outras dimensões relacionadas a nosso sujeito histórico, Sabbado D'Angelo.

É nesse sentido que conseguimos entrever algumas contradições da documentação. Se, nos periódicos consultados verificou-se a veiculação de uma imagem, bastante positiva de Sabbado D'Angelo, envolvida no apego à cultura do trabalho e na celebração dos representantes do êxito capitalista, na narrativa de *Herdei os restos mortais do Commendador Sabbado D'Angelo*, vemos tal representação sendo desvanecida, por força indireta de suas autodeclaradas sucessoras.

Se o êxito industrial do imigrante italiano - transformado pelo discurso midiático em *Rei do Fumo* - exposto nos jornais tenha realmente correspondência com a magnitude alcançada pela Sudan entre as décadas de 1910 e 1930, a prosperidade da Fábrica de fumígenos se fez, talvez, por estratégias nem tão *modernas*, segundo o código imperativo à época.

Maria Luiza, minha avó, conseguiu um emprego na fábrica de cigarros Sudan. [...] A Sudan ficava perto da casa de minha avó. Três vezes por semana, a fábrica deixava serviço para ela, que passava horas e horas enrolando os cigarros em casa. Feita boa parte do serviço, os cigarros enrolados eram colocados em uma tabuleira. Terminada a tarefa, vovó levava os cigarros para a fábrica.<sup>58</sup>

Notemos que subsistia ainda à época, mesmo no âmbito da “Premiada Fábrica dos cigarros Sudan”<sup>59</sup> esquemas de trabalho realmente afastados do cultuado modo fabril. A insinuação de que a jovem espanhola realizava longo trabalho para a Sudan em casa é interessante, pois corrompe a firmeza do discurso engendrado nas notas jornalísticas e nas publicidades relacionadas à fábrica, mas também ao contexto industrial. O fato é que trabalhar em casa para a fábrica significava estar submerso à atmosfera fabril ainda que se estivesse fora do espaço da fábrica; era ressignificar a própria morada, condicionando-a ao universo do trabalho. Em outros termos, era o espraiamento da lógica capitalista nos diversos extratos sociais de S. Paulo. Ao fim

<sup>58</sup>D'ANGELO, Namar & D'ANGELO, Arriete. Op. Cit. p.11.

<sup>59</sup>*Diario Nacional*, 25 de mai. de 1930.



temos que concordar com Antoine Prost, quando este pontua que: “De certo modo a pessoa, quando trabalha em casa, já não tem sua própria casa”.<sup>60</sup>

E se o discurso midiático alicerçava a ideia de que a indústria estava promovendo o progresso da cidade e do Estado de São Paulo, diversas vezes essa idealização teve que ceder espaço à sua imagem, talvez, mais antagônica: o preço humano deste suposto desenvolvimento. Em 13 de julho de 1930, por exemplo, o *Correio Paulistano* noticiava que no dia anterior

pela manhã, na Fabrica de Cigarros Sudan, á rua Glycerio, verificou-se uma explosão num poço artesiano, resultando ficarem feridos, José Leoperger, de 36 anos de idade, residente á rua da Moóca, 443 e José Ratkowsky, marceneiro, de 30 anos de idade, morador á rua José Antonio Coelho, 117. Os pacientes foram internados no Hospital de Caridade do Braz.<sup>61</sup>

Outro caso está na nota “*Principio de incêndio na Fabrica de cigarros Sudan*”, em que publicita-se um princípio de incêndio ocorrido nos escritórios da Fábrica na cidade de Santos, situada no então Largo conde de Sarzedas. Simbólico é o fato de não haver nenhuma letra sobre possíveis feridos, mencionando-se somente que “a fabrica Sudan, segundo esclarecimentos prestados á polícia, está segurada em quinze Companhias, num total de cinco mil contos de réis.”<sup>62</sup>Tais casos insinuem que as prováveis modernizações do pátio industrial da Sudan, conviviam ainda com condições não tão *aceitáveis*.<sup>63</sup>

Sobre esse aspecto, é realmente oportuno resgatar a visita do embaixador italiano, Vincenzo Lojacono, à Sudan. Vindo ao Brasil para participar de alguns eventos da “comunidade italiana”, Lojacono, em companhia de sua esposa, visitou as dependências da Sudan, na Rua Glycerio.<sup>64</sup>

---

<sup>60</sup> PROST, Antoine. O trabalho. In: *História da vida privada*, 5: da Primeira Guerra a nossos dias. Antoine Prost e Gérard Vincent Chartier (org.) – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>61</sup> *Correio Paulistano*, 13 de jul. de 1930.

<sup>62</sup> *Correio Paulistano*, 1 de mar. De 1938.

<sup>63</sup> Esta coexistência de realidades tão distintas no cotidiano do trabalho dentro da Sudan torna-se mais inquietante quando consideramos que a Fábrica de fumígenos era valorizada por suas condições exemplares de higiene e de produção, tendo sido premiada na Grande Exposição de Roma, em 1912.

<sup>64</sup> Dentro da cidade de São Paulo, a Sudan, em seus primeiros anos de atividade estava sediada à Rua Coronel Seabra (nº5, 7 e 9), no Brás. Outro endereço da cidade de São Paulo atrelado à Fábrica foi a Avenida São João (nº4), onde a Fábrica parece ter tido um depósito.



Imagem 3 – Visita do embaixador Vincenzo Lojacono à residência de D'Angelo, contígua à Fábrica – 1938  
Fonte: Acervo Sergio Toccacelli

Acompanhado pelo próprio industrial, funcionários da Sudan e membros da Colônia italiana de São Paulo, o embaixador

percorreu, demoradamente, as sumptuosas instalações da rua Glycerio, não contendo deante de tudo que presenciava, a sua profunda admiração pela obra grandiosa do seu operoso patrício. Notava-se na physionomia e nos gestos entusiastas do sr. Embaixador, a deslumbrante impressão que causava aquelle extraordinário conjunto fabril, *em notável aperfeiçoamento de produção, dentro dos machinismos, peças e organizações* as mais perfeitas *correspondendo largamente ao progresso febricitante dos paulistas* (com grifo nosso).<sup>65</sup>

A admiração do alto representante italiano com a maquinaria da Sudan era senão a excitação proporcionada pelos “artefatos da modernidade”, conceito tão propalado quanto buscado por aquela sociedade. O encantamento em relação às luzes artificiais que remodelavam a paisagem da cidade, o fascínio com a velocidade dos veículos, o arrebatamento frente à força imperiosa e inebriante do maquinário industrial, nos chegam como sensações, muito próprias daquele contexto.<sup>66</sup> De acordo com Marcia Padilha esta fascinação “com a técnica e os maquinismos do mundo moderno estava relacionado às *experiências inusitadas que eles proporcionavam aos*

<sup>65</sup> *Correio Paulistano*, 23 de abr. de 1938.

<sup>66</sup> Tais fenômenos são abordados de forma magistral por Sevcenko em diversos textos. Aponta-se aqui seu livro como fonte essencial à este debate. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos vinte. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

*sentidos* e a uma forma de percepção especificamente marcada pela distração e fragmentação, conforme demonstrou Walter Benjamin”.<sup>67</sup>

No caso em esquadro, não se pode deixar de pensar que o aprazimento de Vincenzo Lojacono estava, muito provavelmente, relacionado à energia produtora do maquinário fabril. E a Sudan parecia ser um pródigo exemplar desta lógica, pois “basta um só dos pavilhões da grande fabrica, para se ter a idéa do esforço, da capacidade e da tensão progressista do seu dinamico fundador”.<sup>68</sup> Aqui tratava-se também de demonstrar, de várias formas, a adequação do páteo industrial nacional ao desenvolvimento técnico/tecnológico da indústria internacional; esforço que articulava os mais variados componentes da elite daquela época. Jornais, políticos, órgãos de representação profissional, legisladores, empresários e industriais comungavam o desejo de delinear uma imagem positiva das forças produtivas da cidade.

É bem verdade, que a Fábrica Sudan pode ter contado com um maquinário realmente admirável, haja vista que à época a Sudan fabricava 400 milhões de cigarros mensalmente e contava com “moderníssimas machinas”.<sup>69</sup> Contudo, é certo que, como dito anteriormente, coexistiam dentro da Fabrica realidades sociais tão distintas que, *a priori*, projetam a nossos olhos um cenário contraditório, mas que na verdade, repercutia uma lógica social muito própria “daquela” sociedade. Vejamos outra fotografia da visita do embaixador às dependências da fábrica de D’Angelo.

---

<sup>67</sup> PADILHA, Marcia. *Op. Cit.* p.110.

<sup>68</sup> *Correio Paulistano*, 23 de abr. de 1938.

<sup>69</sup> *O imparcial*, 29 de nov. de 1936.



Imagem4 – Visita do embaixador Vincenzo Lojacono à Fábrica Sudan – 1938  
Fonte: Acervo Sergio Toccacelli

É curioso o fato de que o registro fotográfico acima tenha sido produzido de forma a capturar a presença de trabalhadoras, sentadas ao chão ou em baixíssimos bancos, a selecionar o fumo, ainda em estado bruto. A presença de uma trabalhadora negra acorçada, manipulando o fumo, em frente ao embaixador e a “sua elegantíssima esposa” e a visível indiferença destes à presença dela (e também à das demais empregadas) faz com que observemos que o discurso mobilizado pelos extratos sociais mais elevados – de modernidade completa e exuberante da Pauliceia, pautada por um discurso higienista – não ocultou formas de ocupação distantes dos códigos que se formulavam junto à industrialização de São Paulo, como também não apagou vivências sociais relacionadas aos indivíduos “pertencentes às camadas populares nacionais”.<sup>70</sup> À quem devemos a suposta pujança fabril de São Paulo no início do século XX: às máquinas ou àquelas pessoas, acorçadas, quase escondidas, no chão fabril? A resposta me parece óbvia.

Ao fim, todo o lastro de empresário-industrial deixado pela trajetória do “Rei do Fumo” foi resultado também, das dinâmicas próprias daquele contexto histórico, que legaram, é certo, a narrativa celebradora do empenho capitalista como mecanismo discursivo em prol da regulamentação do mundo do trabalho.

<sup>70</sup> SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915* – São Paulo: Annablume, 2008, p.176.

## Capítulo 2

### D'ANGELO E A PAULICÉIA

Excessivamente urbana, a nossa gente abastada não povoa os arredores do Rio de Janeiro de vivendas, de campo com pomares, jardins, que os figurem graciosos como a linda paisagem da maioria deles está pedindo. [...] Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim.

(Lima Barreto, em *O cedro de Teresópolis*)

É a partir do contexto de reformulação do espaço de São Paulo, pautada pela introdução de uma nova ordem social vinculada à industrialização (a organicidade fabril, a ressignificação dos espaços públicos e a reprodução de hábitos comuns à um projeto de modernização urbana) que, nesta Monografia, procurou-se entender a inserção de Sabbado D'Angelo como um agente social, seguindo assim sua trajetória e atentando-se, especialmente, à sua atuação enquanto um especulador imobiliário. Tal exercício reflexivo passa por uma questão clássica da historiografia da imigração: a inserção dos imigrantes no meio urbano.<sup>71</sup> Investigar como se deu a integração de D'Angelo abarca uma reflexão relativa a aspectos como a dinâmica de afirmação ideológica e inserção social do “estrangeiro” no cenário paulista da época.

Toda a figuração de Sabbado D'Angelo (discutida no capítulo anterior) enquanto uma figura destacada no que tangia as inovações empresariais,<sup>72</sup> fazia parte de um amplo esforço de urbanização da cidade, o que significava, além de outras coisas, a implementação de uma ordem do trabalho - a partir de então, majoritariamente fabril.<sup>73</sup> Percebamos, por exemplo, que o texto “*Premiando os esforços de um grande industrial*”, citado no capítulo anterior, estava de acordo com uma das principais expectativas da elite industrial: a formulação de uma “disciplina do trabalho”<sup>74</sup> e o conseqüente ensejo a uma modernização social.<sup>75</sup> Por isso também a

---

<sup>71</sup> FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991, p.30.

<sup>72</sup> Segundo certo discurso veiculado à época, necessárias ao desenvolvimento da “indústria paulista”.

<sup>73</sup> SINGER, Paul. Desenvolvimento - São Paulo In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.) *História econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo, 2004, p. 176-85.

<sup>74</sup> Um sinal da importância atribuída à questão do trabalho foi a inserção da problemática da produção material (agrícola e industrial) do país no *Recenseamento Geral de 1920*. Este foi o primeiro Recenseamento a considerar a população nacional não somente no seu “aspecto puramente demográfico, [mas] também a situação econômica das várias localidades. Assim, a produção agrícola e industrial do País tornou-se objeto de metucioso balanço.” In: IBGE. *Sínteses históricas – Históricos dos censos*. Disponível em: <<http://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censos-demograficos>> Acesso em 13 de out. de 2015.

ideia da capitalização, monetização dos vícios não parecia sofrer com o maleável pudor das classes dominantes da época. Cigarros, charutos, etílicos e até mesmo heroína e cocaína - entre outros entorpecentes - integravam o conjunto de produtos densamente vinculados ao pensamento moderno e cosmopolita que se queria implementar na urbe paulista. É preciso dizer que este projeto, esta mentalidade social, de cosmopolitismo despudorado, esteve vinculada aos extratos sociais mais abastados.

Um caso sintomático<sup>76</sup> da relação entre a ordenação do espaço público e a implementação de uma cultura urbana é o dos “vendedores de tabaco estabelecidos em el propio centro de la ciudad” como documenta matéria do periódico, *Diário Español*, vinculado à colônia espanhola. Segundo o texto jornalístico intitulado “*Irritante proceder*”<sup>77</sup> havia certa tolerância dos fiscais municipais em relação aos donos de “cigarrerías” (em tradução livre “tabacarias”) instalados no centro da cidade, especificamente, nas ruas do chamado Triângulo Histórico. Denotando seu descontentamento com a gestão municipal, o(a) autor(a) finaliza o texto solicitando a resolução do “problema”:

Es la Prefectura municipal quien debe y está obligada á ponerlo em claro, imponiendo á los fiscales infractores el enérgico correctivo á que se hace na creadores. [...] Para confirmar el fundamento de esta denuncia, basta que la Prefectura muestre um poco de interest efectuando la debida vigilância cerca de las cigarrerías establecidas em las ruas 15 de Novembro, Palacete Briccola, y plaza Antonio Prado, que sonlas que merecen la *desinteresada* benevolência de los señores fiscales.<sup>78</sup>

Observemos que o caso mencionado expressa de forma clara o debate, muito caro à época, da ordenação do mundo do trabalho – até mesmo por se tratar de um jornal representante de uma específica comunidade imigrante. A desobediência à formalidade de um mercado de trabalho organizado, relacionado ao mundo fabril

<sup>75</sup> À essa modernização social significava a indução de “transformações na ordem urbana (...): ordenação dos espaços, criação de um mercado de trabalho especializado e alterações na composição sociocultural da população e do contexto urbano.” In: SANTOS, Carlos. *Op. Cit.* p. 170.

<sup>76</sup> É certo que, se averiguarmos a documentação da época (periódicos, processos e/ou registros policias entre outros) encontraremos, sem maiores dificuldades, casos tão ou mais emblemáticos do que o episódio selecionado no que tange à explicitação da construção de uma nova lógica urbana. Entretanto, o caso dos *vendedores de tabaco* expressa forte relação com o tema desta Monografia e é possível, a partir dele descortinar certas questões caras à reflexão empreendida neste trabalho.

<sup>77</sup> *Jornal Diário Español*, mar. de 1920.

<sup>78</sup> *Diário Español*, mar. de 1920

(realidade então ensejada pelas elites - e dentre elas, os ricos imigrantes - desejosas de uma modernização, referendada pelas cidades europeias: Paris, Londres...), parece constituir uma postura indesejada pelo discurso social vigente naquele contexto. No entanto, não se tratava em combater o uso e/ou comercialização de cigarros, charutos, mas sim de determinar que práticas sociais eram aceitáveis e quais eram indesejáveis.

Além da querela social relativa à racionalização do trabalho o caso exposto nas páginas do *Diário Español*, expressa também outro aspecto, explicitamente em voga à época: a ordenação do espaço urbano. O desagravo em relação à presença dos vendedores de tabaco estava relacionado, muito provavelmente, à violação de uma normatização do espaço central de São Paulo – violação, transgressão representada pela “simples” presença corpórea dos vendedores naquele espaço.<sup>79</sup> A questão essencial é que as preocupações urbanísticas dos setores a frente do poder “não se dissociavam do controle daqueles que eram percebidos pelas camadas dominantes como ameaças à ordem”.<sup>80</sup> É preciso notar ainda que a atuação da iniciativa privada na formatação do espaço social da cidade de São Paulo, no início do século XX, não ocorreu desconexa à tais processos.

Segundo edição de 1 de maio de 1930 do *Correio Paulistano*, realizar-se-ia naquele dia (uma quinta) no bairro da Lapa “um grande festival sportivo no qual tomarão parte vários grêmios, sendo a partida final entre os quadros principaes do Standard Oil F. C. e o do Sudan F. C.”. Os quadros, ou seja, as equipes eram formadas por funcionários: os da primeira equipe da Standard Oil Company of Brasil e da firma J. Jorão Ribeiro e a segunda equipe constituída pelos quadros da Sudan (fábrica de Sabbado D’Angelo). O que nos importa é que, segundo a mesma nota “Nesta partida também será disputada uma taça que, como a do jogo principal, foi gentilmente oferecida pelo conhecido industrial sr. Sabado D’Angelo.”<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> Carlos José dos Santos aprofunda discussão muito próxima à essa detendo-se, por sua vez, à imagem de outros(as) agentes sociais; no caso os “caipiras”, as “pretas do tabuleiro” SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Op. Cit. p.147.

<sup>80</sup> FERREIRA, Antonio Celso & DE LUCA, Tania Regina. Medicina e práticas médicas em São Paulo: Uma introdução. In: *Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas: a história e suas interfaces*. André Mota e Maria Gabriela S. M. C Marinho (Orgs.) – São Paulo: USP (Faculdade de Medicina), 2011, p. 24.

<sup>81</sup> *Correio Paulistano*, 1 de mai. de 1930.



Ressalta-se a partir de tal documento o visível esforço em tornar a lógica do trabalho junto à sua sociabilidade, algo comum ao cotidiano dos funcionários das fábricas – que, sem dúvida, configuravam nova figura social, de crucial importância para o sucesso daquele novo tipo de sociedade. A realização de um *prélio* futebolístico nessas condições, denota a importante relação entre o esporte e a ordenação do corpo social para a implementação de um imaginário social vinculado à ideia de positividade do trabalho.<sup>82</sup>

Até aqui, procurei discutir as diversas articulações, trajetórias, presenças e investidas sociais de D'Angelo, daí seguir a partir daqui à uma aproximação de uma dessas presenças: a passagem do magnata italiano pelo então, “longínquo subúrbio de São Paulo”, o distrito de Itaquera.

## 2.1 Por que Itaquera?

Em certa ocasião na Escola da Cidade, numa apresentação da pesquisa desta monografia, quando ainda em estágio inicial na Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade fui indagado sobre qual razão Sabbado D'Angelo, “um rico”, teria “vivido” em Itaquera. Como a pesquisa estava em seus passos iniciais não ousei arriscar uma resposta conclusiva; deixei, entretanto alguns pontos a serem pensados, antes de alcançarmos uma resposta aceitável. Neste momento, transcorrido pouco mais de um ano desde aquela ocasião - e tendo assim mais segurança em relação à investigação - para a questão “*Por que Itaquera?*” podemos traçar o início de uma resposta, pois nos é permitido considerar que ele, D'Angelo, não era o único integrante das elites a estar aqui, em Itaquera.

As linhas acima, embora denotem um tom pessoal, parecem-me importantes, pois desvelam a concepção arraigada socialmente em relação a este território, o bairro de Itaquera. É certo que, o passado sempre será avistado e refletido

---

<sup>82</sup> O triunfo do sistema fabril parece se dar pelo controle do corpo humano: seja pela imposição de uma nova organicidade ao tempo - agora sincronizado pelo apito das máquinas e segmentado pelo andar da produção industrial – ou pela delimitação/determinação da funcionalidade do corpo do operário. É, sem dúvidas, dialogando com essa angústia que Georg Simmel escreverá: “Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida”. SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p.13.



a partir do tempo atual (e de suas condicionantes), o que vale dizer que, o passado será *denunciado* ou *celebrado* à depender, do contexto social/político/cultural de quem esteja à mirá-lo. Nesse sentido, a visualização do passado de Itaquera é, em muito, suggestionada pela memória social relacionada à história recente do bairro, abalizada pela vinda de conjuntos habitacionais da Companhia Metropolitana de Habitação. Marcada pela atuação de movimentos sociais (da saúde, da cultura, da educação)<sup>83</sup> frente à má qualidade dos serviços públicos, notadamente nos bairros mais extremos da cidade, o *imaginário social* tendeu a ver o distrito de Itaquera enquanto território pobre, perigoso e violento. Este estigma retorna ainda hoje quando falamos de um passado mais distante do bairro (período anterior à 1950); é por essa razão que há um relativo estranhamento quando se descortina a presença de uma elite neste território.

A questão posta é que Itaquera, por volta das primeiras décadas do século XX, possuía uma vida social, relativamente, movimentada. Com a chegada da Ferrovia em novembro de 1875,<sup>84</sup> a região passa a ter um fluxo cada vez maior de gente, que acaba condicionando o desenvolvimento da região. Se a produção bibliográfica sobre o bairro orientou-se no sentido de, ao que parece, reproduzir a ideia de que Itaquera era inabitada e de que inexistia qualquer atividade social, certa documentação interpõe outra imagem do distrito, corroborando à ideia aventada nesta monografia. A visão do distrito que se quer compor é a de um território capaz de sustentar uma dinâmica social à par do centro econômico da cidade. Diversas regiões da cidade, tradicionalmente lidas como suburbanas, detinham sua própria efervescência, o que as compeliu, muitas vezes, a manter uma relação de relativa independência à dinâmica da cidade, propriamente dita. São territórios como a Penha ou Santana – o bairro de Itaquera parece se delinear com estas linhas.

Nesse contexto, cabe como exemplo a criação da primeira feira-livre do bairro, em 1926 – que se deu mesmo com o indeferimento da *Municipalidade*.<sup>85</sup> Além

---

<sup>83</sup> Sobre isso consultar: BÓGUS, C. M. *Participação popular em saúde: formação política e desenvolvimento*. São Paulo: Annablume, 1998. MACHADO, L. M. *Atores sociais: Movimentos urbanos, continuidade e gênero*. São Paulo: Annablume, 1995. SADER, E. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>84</sup> Tratava-se de um ramal da Estrada de Ferro do Norte (a E. F. do Norte foi denominada assim de 1875 à 1889, quando, passou à ser conhecida como E. F. Central do Brasil, denominação de perdurou até 1975). Disponível em: < <http://www.estacoesferroviarias.com.br/i/itaquera.htm>> Acesso em 15 de out. de 2015.

<sup>85</sup> *Correio Paulistano* - Expediente da Directoria Geral, 24 de fev. de 1926.

disso, é certo que a criação de um Cemitério na *Villa Carmozina*, em *Itaquera* em terreno doado pela Companhia Comercial Pastoril e Agrícola (pela Lei Ordinária N°3292, de 30 de março de 1929) só ocorreu pela expressiva indução populacional ocorrida desde a instalação da Estação.

A dinâmica de ocupação do território (que seria elevado a *distrito*, em 27 de dezembro de 1920, pela Lei Estadual N°1756) sofreu forte influência da instalação da Estação – não à toa o aniversário do bairro é comemorado no dia de inauguração da mesma, aos 6 de novembro. Observando a visão aérea do bairro na década de 1950 (Mapa 1), é possível constatar as afirmações das linhas anteriores, ou seja, é a partir da figuração da Estação Ferroviária que o processo de urbanização de Itaquera se intensifica. À Estação de Itaquera corresponde-se o indicador número 2; no número 1 identificamos o casarão de Sabbado D’Angelo e no 3 a Igreja Nossa Sra. Do Carmo, a Matriz de Itaquera.

Mapa 1 – Visão aérea de Itaquera, realizada por aerofotogrametria (1958)  
Fonte: Geo Portal



Além de examinar a forma como se deu a deflagração da ocupação da região, é possível também entrever a caracterização fortemente rural do bairro.<sup>86</sup>

A Imagem 5, embora registre uma cena da década de 1950, parece servir para discutirmos este aspecto. Veem-se no registro fotográfico, índices de um cotidiano muito próprio do bairro: o automóvel, o perfilamento de diversos estabelecimentos comerciais, o visível fluxo de pessoas. Acentuações que, em certa medida, contrastam com o horizonte marcadamente rural da imagem – característica fortemente relacionada ao bairro.



Imagem 5 – Passagem da Linha do Trem em Itaquera – 1955  
Fonte: Acervo João Brito e Ana Alexandria

<sup>86</sup> Grande parte do que concebemos como Itaquera caracterizava-se por vastas extensões de terras inabitadas, banhadas algumas por riachos, como o conhecido riacho Jacuhy, ou o Rio São Teodoro (este último, ao que parece, demarcara a área ocupada pela Colônia Japonesa), condições que privilegiavam o trato com a atividade agrícola. Esta específica relação com o solo, segundo alguns autores, parece ter reforçado ainda mais a (suposta) “vocação agrícola de Itaquera”.

Um reflexo contemporâneo desta rela o entre condi es geográficas e um específico uso do solo na “paisagem itaquerense”,   o fato da área respectiva   Colônia Japonesa ter sido classificada, no âmbito do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (PDE) de 2014 e mais especificamente do Plano Regional Estratégico da Subprefeitura (PRE) de Itaquera, como uma ZEPAG (Zona Especial de Produ o Agrícola e de Extra o Mineral).

Outra, possível, situa o “resultante” deste processo   que o subdistrito do Parque do Carmo, o qual, em parte, corresponde o território da supracitada colônia, apresentara como popula o 68.258 habitantes, sendo esta a menor densidade demográfica do distrito de Itaquera, segundo dados de 2010, da Prefeitura Municipal de São Paulo. Tabela “Popula o Recenseada, Taxas de Crescimento Populacional e Densidade Demográfica” - Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais 1980, 1991, 2000 e 2010. Disponível em: <[http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7\\_populacao\\_recenseadatas\\_de\\_crescimento\\_1980\\_10745.html](http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseadatas_de_crescimento_1980_10745.html)> Acesso em 30 jun. 2015.

Contraposta à certa produção bibliográfica sobre o bairro, tal registro (Imagem 5) contesta a suposição muito difundida de isolamento e estagnação do passado de Itaquera, nos informando de uma sociabilidade para além das chácaras – que se faziam presentes até aquela época, como já acentuado. É a partir dessa constante presença de agricultores, comerciantes e de uma numerosa população na Itaquera das décadas iniciais do século XX que devemos considerar a presença de D’Angelo ali.

Território de múltiplas significações, Itaquera esteve relacionado à articulação de diversas presenças e percursos, de gentes das mais diversas classes sociais. Por conta de uma ocupação antrópica, que legou ao bairro condições para um desenvolvimento constante e gradual, mas que não decompôs as condições rurais que deflagravam uma “Itaquera de clima bastante aprazível”<sup>87</sup> o bairro teve a presença, ainda que esporádica, de indivíduos, famílias ligadas à elite paulista da época.



Imagem 6– Comemoração da chegada da Santa na Igreja Matriz de Itaquera – 1930  
(Observemos Sabbado D’Angelo – de terno branco – ao lado do Cel. Bento Pires)

Fonte: Acervo Sergio Toccacelli

Nesse sentido, é contundente afirmar que uma das representações de Itaquera, muito provável à época, era a de região de casas de veraneio dessas famílias. Se o industrial italiano possuía residência contígua à Fábrica (como explicitado anteriormente) e também à Rua Wandelkolk (nº31), a existência de um palacete em Itaquera relacionado à sua figura nos informa a respeito de um elo, flexível é bom

<sup>87</sup> LOPES, Rodrigo Herrero. *Face Leste: revisitando a cidade*. São Paulo: Mitra Diocesana São Miguel Paulista, 2011, p.114.



dizer, entre ele e aquele bairro. Explicitado por uma série de relações sociais fomentadas no território pelo próprio indivíduo, este elo nos chega por diversos vestígios, impressos na documentação.

É de tal forma que acessamos a Imagem 6, registro da chegada da imagem de Nossa Sra. Do Carmo que, trazida da Itália à pedido de D'Angelo, marcaria a finalização da construção da Matriz de Itaquera.<sup>88</sup>

Hoje, em Itaquera, terão início grandes festas comemorativas da Inauguração da igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo, recentemente reconstruída a expensa do sr. Sabbado de Angelo.<sup>89</sup>

Capturada de tal modo, a princípio nos dando a impressão de homogeneidade da população, numa observação mais atenta a fotografia deixa entrever uma série de hierarquias sociais implícitas: no primeiro degrau, ao lado do monsenhor vigário geral, está Sabbado D'Angelo, tendo ao seu lado o coronel Bento Pires. Ao lado deste, no degrau inferior, a esposa de D'Angelo, Anita Pastore (vestindo preto e usando também, ao que parece, um sóbrio chapéu *cloche*). A figuração de Bento Pires<sup>90</sup> ao lado do industrial, é sintomática das prováveis relações sociais que permeavam Itaquera e que, muito provavelmente, condicionavam a presença de *figurões* da sociedade paulista naquele subúrbio. Assim, é plausível atribuir para tal registo fotográfico (Imagem 6) a tentativa de emoldurar a imaterialidade de um discurso: a tríade formada pela autoridade religiosa, o estrangeiro enriquecido e a autoridade nacional (na figura tradicionalíssima do coronel) posta em primeiro plano, numa posição de visível destaque nos informa, dessa maneira, uma hierarquia social local. Não por acaso, ao compulsar a documentação relativa à região, analisando-a à luz dessas novas possibilidades,

---

<sup>88</sup> Alguns documentos apontam o ano de 1928 como data inicial da Igreja N. Sra. Do Carmo.

<sup>89</sup> *Correio Paulistano*, 16 de fev. de 1930.

<sup>90</sup> Bento Pires é reconhecidamente um dos indivíduos que mais atuou no loteamento de Itaquera. De acordo com documentação averiguada pelo historiador Paulo Santana, a atuação do coronel na região se deu acima de tudo pelos diversos loteamentos que realizou.

Em diversas ocasiões, alguns desses lotes seriam doados pelo coronel à Municipalidade, através de sua *Companhia Commercial Pastoril e Agrícola*, como é o caso do terreno utilizado para a criação do cemitério (já citado nesta Monografia): pela Lei Ordinária 3292/1929 ficava estabelecido que “a Prefeitura receberá da Companhia Commercial Pastoril e Agrícola, a título de doação, um terreno, na Villa Carmozina, em Itaquéra, com a área de 8.350m<sup>2</sup>, destinada á formação de um cemitério”.

deparamo-nos com *nomes* como o de Oscar Americano,<sup>91</sup> Armando da Silva Prado,<sup>92</sup> Amaury Fonseca e diversas famílias estrangeiras de relativas posses: Bauman, Novelli, Ferrara, Seckler, Gandini, Sallim, entre outras.

Imbuídos da *suposta* função social de dinamizar a região, determinando as bases de seu desenvolvimento, estes indivíduos se envolveram com a urbanização do bairro, financiando obras diversas e, em especial, edificações, doando vastas quantias à tais intentos. Sabbado D'Angelo figurará aí também, como um peculiar agente social na formatação do espaço deste subúrbio paulistano. *Seu nome* figurará na documentação relativa à construção da Igreja N. Sra. Do Carmo e também da Capela do Educandário da Divina Providência.



Imagem 7 – Placa em bronze de agradecimento à Sabado D'Angelo.

(No passado, esta placa ficava dependurada em uma das paredes na Igreja em questão; por conta das inúmeras reformas pelas quais a edificação religiosa passou, a placa encontra-se, hoje, guardada)

Fonte: Igreja N. Sra. Do Carmo.

<sup>91</sup> Oscar Americano de Caldas Filho (1908-1974) foi um empresário e notável incentivador das artes, principalmente no cenário brasileiro. Formado em Engenharia pelo Mackenzie criou em 1931, em São Paulo, a Companhia Construtora Oscar Americano que, posteriormente, viria a ser denominada Companhia Brasileira de Projetos e Obras – CBPO. A presença de Americano em Itaquera é expressa pela transformação de sua antiga fazenda em parque: o Parque do Carmo (denominado também como Pq. Natural Municipal Fazenda do Carmo ou Parque do Carmo – Olavo Egydio Setúbal), onde se manteve a sede da fazenda - cujo estilo arquitetônico predominante é o colonial.

<sup>92</sup> Conforme o Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo “Armando da Silva Prado, pertencente de uma antiga família paulista, nasceu em São Paulo, em 11 de março de 1880. Fez seus estudos secundários no colégio São Luis, de Itu, e cursou, depois a Faculdade de Direito, onde se diplomou”. Pelo que foi pesquisado, Armando era primo direto de Antônio da Silva Prado, afamado aristocrata e político, conhecido também como *Conselheiro Antônio Prado*. Ocupando diversos cargos públicos (vereador, deputado estadual, procurador-geral interno do Estado de São Paulo entre outros), Armando Silva Prado possuía residência em Itaquera, como é possível afirmar a partir de um álbum fotográfico familiar, sob custódia do Arquivo Municipal de São Paulo. Cf. Acervo Fotográfico do AHSP: Armando Prado - Fotografias Pessoais – n° 72-75 / Procedência: doação de Armando da Silva Prado Netto em 21 de mai. de 2004.

A produção da placa (Imagem 7) deve ser pensada em relação à um contexto em que a atuação da Igreja estava também sugestionada pela preocupação, mais ou menos generalizada nas diversas camadas da elite, de legitimar as ações no âmbito público, de reordenação da sociedade indicada, acima de tudo, por uma profunda transformação sócio espacial pela qual a cidade, como um todo, passava.

E numa equação social, detentora de implicações várias, a presença de uma elite deve ser pensada conexas à sua presença antagônica, no caso, à daqueles(as) que expressam, em seus corpos, em suas vestimentas, enfim em sua condição social o resultado dos arranjos sociais que “desconsideraram” as discrepâncias sociais, historicamente (re)produzidas. É na presença da elite, da burguesia endinheirada que podemos encontrar também, vestígios da presença da parcela pobre nacional, até porque, se haviam em Itaquera representantes dos extratos sociais mais elevados, havia também quem os servia. Assim, nesse sentido, e tributando à análise de Carlos José Ferreira dos Santos,<sup>93</sup> podemos analisar criticamente, a Imagem 8.

Tratando-se do registro da chegada da imagem da Santa, ou melhor, da passagem da imagem pelo casarão de D’Angelo o registro nos dá indícios importantes sobre aquela realidade social e espacial. Observemos que a proeminência social de D’Angelo, era ratificada pelo início da procissão em sua residência (a caminhada religiosa se direcionaria, obviamente à Igreja Matriz).

Notemos, por exemplo, que no canto superior esquerdo é factível perceber que o casarão pertencente ao magnata italiano passava por obras, uma vez que é possível apreender *andaimes/cimbramentos* em madeira, instalados junto à parede da edificação. Soa interessante o olhar resabiado de algumas pessoas ante à originalidade da técnica, representada pela máquina fotográfica: são olhares conjugados de receio e curiosidade.

Além disso, embora o objetivo primordial da fotografia pareça ser o de denotar a figura de D’Angelo e sua esposa Anita junto a algumas autoridades locais, a figuração de um indivíduo negro, notadamente excluído da sociabilidade captada pelo registro fotográfico, uma vez que solitário no ultimo plano da imagem e vestido de forma *desconexa com a ocasião*, nos remete à coexistência de realidades sociais opostas, mas complementares.

---

<sup>93</sup> SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915* – São Paulo: Annablume, 2008.



Imagem 8– Comemoração da chegada da Santa  
no casarão de Sabbado D'Angelo – 1930  
Fonte: Acervo Sergio Toccacelli



Detalhe da Imagem 8

Uma possível interpretação é considerar a chance deste indivíduo ser algum empregado do casarão, ou ainda, de alguma das autoridades locais presente ao festejo – o que nos impele a pontuar o quanto aquele contexto histórico estava alicerçado na vida, na presença de tais figuras: lavadeiras, trabalhadores(as) braçais, trabalhadores(as) da rua, feirantes, engraxates, empregadas(os) do lar, mestres de obra, costureiras, sapateiros e tantas outras ocupações compunham aquele cenário social e o significavam tanto quanto industriais, barões e “figuras destacadas” – a diferença é que uns nomeamos (D’Angelo, Jafet, Melo Freire, Matarazzo...) enquanto aos(as) outros(as) estipulamos um lugar anônimo nas narrativas, estatísticas e sensos. Não posso deixar de pensar, aqui, na forte relação entre o nome e a elaboração de uma



memória – não deixemos de indagar: quem detém o privilégio de ter sua história registrada?

Por fim, cabe afirmar que o horizonte que se abre (ou se espera abrir) é o da *renovação* dos enfoques investigativos sobre o que chamamos de história da cidade. Sem dúvidas, é imprescindível retirar a poeira dos maços arquivísticos relacionados às regiões periféricas da cidade de São Paulo, assim como também, lançar mão de novas abordagens nos estudos históricos, a fim de alcançar sujeitos cuja história está, ainda, por ser contada.<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> Essa é uma das primordiais intenções do Projeto Grupo Ururay – Patrimônio Cultural, que visa promover a valorização dos Patrimônios Culturais da região Leste de São Paulo, por meio do incentivo à pesquisa e da produção/articulação de ações culturais relacionadas a tais Patrimônios. Além disso, a atuação de grupos de estudo/pesquisa como o CAPPH (Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica) - ligado ao Departamento de História, na figura do Prof. Dr. Fernando Atique, e ao Depto. de História da Arte, na pessoa da Profa. Dra. Manoela Rufinoni, confirmam a viabilidade de novos enfoques, métodos e o trabalho com novos materiais.

### Capítulo 3

## POR DETRÁS DOS MUROS

A casa, o domicílio, é a única barreira contra o horror do caos, da noite e da origem obscura; encerra em suas paredes tudo o que a humanidade pacientemente recolheu ao longo dos séculos; opõe-se à evasão, à perda, à ausência, pois organiza sua ordem interna, sua civilidade, sua paixão.  
(Immanuel Kant)

Nos capítulos anteriores, se discutiu a trajetória de Sabbado D'Angelo, considerando como esta esteve profundamente ligada a toda uma miríade de processos sociais mais amplos. Nestes termos, uma recuperação das linhas e rastros deste indivíduo, enfocando-o de formas diversas, nos permite ao fim entrevê-lo enquanto um *proprietário*, compondo assim um estudo em que a arquitetura e a urbanização são componentes da história social, sem, contudo, negligenciar os aspectos que explicam, se coadunam e reinterpretam o lugar, o agente histórico e a sociedade.

Cabe então, ressaltar a pertinência de se pensar o casarão como um caleidoscópio que, nos permite visualizar a presença do imigrante pretérito,<sup>95</sup> notabilizando também os esquadros sociais do passado e do presente que se fizeram/fazem presentes no respectivo espaço.

Além disso, a reflexão sobre o casarão é caminho frutífero para pensarmos questões da História da cidade e de seu desenvolvimento urbanístico, para além da pedra e cal.:

Embora no mundo ocidental, a ideia de propriedade privada do solo gere propalada aceitação que uma obra de arquitetura pertence a quem a financiou, ou mesmo, a quem a encomendou, nota-se que, a partir do momento que ela se levanta do solo e

---

<sup>95</sup> E sem dúvidas, discutir a presença num território do estrangeiro nos auxilia a refletir sobre a presença neste mesmo território, do imigrante contemporâneo. Atualmente o bairro de Itaquera, assim como outros bairros periféricos passou a receber um número cada vez maior de estrangeiros (principalmente bolivianos e senegaleses): Negros estrangeiros buscam “Mama Africa” paulistana. *Diário de S. Paulo*, 23 jun. 2014. Disponível em: <<http://diariosp.com.br/noticia/detalhe/69014/negros-estrangeiros-buscam-mama-frica-paulistana>> Acesso em: 8 jun. 2015. Fora isso, cabe lembrar que bairros como São Miguel, Guaianazes e Itaquera possuem em sua história a constante presença de migrantes nacionais.

Socialmente silenciados(as) pela ausência de políticas de acompanhamento e pelas discriminações diárias às quais são submetidos(as) (Xenofobia e indiferença ainda são realidade em SP. *MigraMundo*, 12 jan. 2014. Disponível em: <<http://migramundo.com/2014/01/12/2005-e-2014-xenofobia-e-indiferenca-ainda-sao-realidade-em-sp/>> Acesso em: 9 jun. 2015), a presença deles(as) estimula “uma compreensão mais aprofundada sobre as relações históricas da sociedade paulista com os migrantes e sobre os processos migratórios”, testando nossos entendimentos acerca de nosso território, de nossa história, de quem somos. In: PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI*. – São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

é dada ao ambiente urbano – e mesmo rural -, conseqüentemente, passa a atuar como baliza de relações sociais no tempo e no espaço.<sup>96</sup>

Em alguma medida os diferentes usos aos quais uma residência foi sujeitada também deixam vestígios que são contemplados quando postos em perspectiva histórica. Assim, ao nos depararmos com a edificação cuja propriedade fora de D'Angelo (o “palacete” em Itaquera, que serviu de casa de veraneio para o empresário),<sup>97</sup> é importante a entendermos não como uma imagem pacífica, vazia de historicidade ou como uma fonte histórica a ser analisada e problematizada: é necessário compreendermos tal edificação como um ícone, aos moldes do paradigma indiciário de Ginzburg.<sup>98</sup>

Sendo hoje, o encadeamento de representações distintas o casarão apresenta-se à memória coletiva<sup>99</sup> como resultado inexorável de seus sucessivos usos, e é através do mapeamento destas representações que podemos de forma segura e inequívoca evocar os sentidos próprios da materialidade e imaterialidade inerentes à tal bem.

A partir das articulações próprias do território ao qual D'Angelo se inseria, a edificação de sua propriedade se inseria em uma arquitetura social repleta de acordos, intenções e permutas entre indivíduos cujos interesses se somavam. É a partir desta lógica que, podemos inferir a veiculação de uma fotografia do casarão de D'Angelo no material de divulgação da Companhia Comercial Pastoril e Agrícola, de propriedade, como se sabe, do coronel Bento Pires. Com visível objetivo propagandístico, o documento, quase todo em ideogramas, direcionava-se à comunidade japonesa, uma vez que Itaquera apresentou uma sensível inserção/fixação deste grupo imigrante, muito por conta da ação da Companhia do coronel.<sup>100</sup>

---

<sup>96</sup> ATIQUÉ, Fernando. Patrimônio (oficialmente) proibido: A destruição e a memória do Palácio Monroe (Rio, 1906-1976). In: LEAL, Elisabete. & PAIVA, Odair da Cruz. (Orgs.) *Patrimônio e história*. Londrina: Unifil, 2014, p.181.

<sup>97</sup> Em algumas fontes a edificação figura como local de morada de Sabbado D'Angelo e não como residência de veraneio, como se apontou anteriormente.

<sup>98</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>99</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o espaço. In: *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>100</sup> Segundo Escobar Franelas, historiador e autor do livro Itaquera: uma breve introdução foi Tsunejiro Ishibashi, veterinário e engenheiro agrônomo, o primeiro colono nipônico de Itaquera. Em material



Imagem 9 – Reprodução fotográfica do casarão em livro da Companhia Comercial Pastoral e Agrícola.  
Fonte: Acervo Sergio Toccacelli

A edificação também fora utilizada por seu mais célebre proprietário de formas diversas. Se o suposto gosto e incentivo pelo esporte (notadamente, o automobilismo) fez-se uma das características mais denotadas em D'Angelo, pelo discurso midiático da época, as articulações do industrial, nesse campo, tiveram como testemunhas as paredes, corredores, cavidades de seu *palacete* em Itaquera. A exuberante construção é vista então como um ponto da prolixa rede de relações que compunham a tessitura social a qual D'Angelo estava inserido.

Na matéria “*Os azes do volante homenageados pelo sr. Sabbado D'Angelo*” o *Diario de S. Paulo* reverbera a recepção proporcionada aos pilotos do Grande Premio “Cidade de São Paulo” pelo o magnata italiano

que lhes ofereceu, em sua sumptuosa residência, naquele vizinho município, um churrasco agradabilíssimo. [...] A caravana partiu da Esplanada, pela manhã, em automóveis daquele conhecido industrial e esportista. [...] Os visitantes, agradavelmente impressionados com o esplendido passeio, regressaram á capital á tarde.<sup>101</sup>

---

informativo dos 90 anos da Colônia Japonesa de Itaquera, o clube Itaquera Nikkei informa que Ishibashi se estabeleceu na região já em 1920 com a Companhia Comercial Pastoral e Agrícola, que promoveu o loteamento de parte das terras do atual bairro.

A ação de empresas que realizavam o loteamento e venda de áreas na forma de pequenos lotes aos imigrantes, determinaram o surgimento de várias colônias no estado de São Paulo, como é o caso da Colônia aqui tratada. In: PAIVA, Odair da Cruz. *Op. Cit.* p. 52.

<sup>101</sup>*Diario de S. Paulo*, 10 de jul. de 1936.

Nestes dois documentos, percebemos a figuração do casarão eivado de significâncias positivas, muito relacionado com a narrativa intrínseca à cada peça documental: a primeira à ressaltar a excepcionalidade da edificação, denotando-a como um ícone das qualidades urbanas de Itaquera, procurando assim instituir a imagem de magnificência da paisagem do território a ser vendido; já no segundo caso, revela-se o deslumbramento coletivo em relação ao fruto da resignação e labor, características tão próprias da cultura urbana-industrial, tão presente na São Paulo da época. Cabe ainda denotar a propagação de Itaquera como estando/sendo um “vizinho município”, já que a região, à época, ainda era propalada como não pertencente ao município – possivelmente por conta da distância a ser percorrida, entre o distrito e o centro da cidade.



Imagem 10 – Reprodução fotográfica do casarão em livro da Companhia Pastoral Agrícola.  
Fonte: *Diário de S. Paulo*, 10 de jul. de 1936

Além dessas atribuições, cabe lembrar a menção aos prováveis encontros amorosos entre o industrial italiano e sua concubina, a espanhola Maria Luiza, que se realizavam no palacete.

A *chácara* era linda e tinha uma residência grande e luxuosa. Na entrada da mansão, subindo as escadas, bem no patamar, o nome Sudan estava gravado no

chão. Sem contar que tinha uma enorme estátua de bronze de (Sabbado D'Angelo)<sup>102</sup>

Com a morte do industrial, em oito de dezembro de 1938, a posse do casarão (assim como dos “negócios da família”)<sup>103</sup> ficou à viúva, Anita Pastore. Procedeu-se então, na década de 1940 a adaptação do casarão, para ali se instalar o Núcleo Profissional Livre Sabbado D'Angelo, transformada, posteriormente, em *escola normalista*, o que fez com que a edificação fosse reformada e ressignificada. Ali foi também a sede do Ginásio Estadual de Itaquera, da Escola Prof<sup>a</sup> Emília de Paiva Meira. Conforme depoimento de Magdalena Pellicci ao projeto *Museu da Pessoa* “lá (no casarão) era escola, lá tinha escola da admissão para o ginásio, era lá na onde é o centro dos convertidos hoje”.<sup>104</sup>

Tendo sido utilizado para fins educacionais até os anos finais da década de 1960, coparticipando assim da formação de várias gerações de moradores(as) do bairro (fato que figura ainda hoje nas falas de moradores do bairro), o casarão passa à essa época, num processo jurídico conturbado e repleto de silêncios, à ser ocupado pela Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) – organização civil surgida em São Paulo na década de 1960, com destacada atuação no que se convencionou chamar de “meio leigo conservador”. A presença da TFP, reconhecida por posicionamentos conservadores, talvez tenha sido a mais duradoura ocupação daquele espaço, uma vez que, até a década de 2000 ela ainda esteve ali. O “centro dos convertidos” a que se refere a antiga moradora do bairro, Magdalena Pellicci, é, como se pode deduzir, a referência mnemônica à essa presença no casarão.

---

<sup>102</sup> D'ANGELO, Namar & D'ANGELO, Arriete. Op. Cit. 24.

<sup>103</sup> O prolongamento dos “negócios de família” desembocou na criação do Instituto de Cardiologia Sabbado D'Angelo, na década de 1950. De acordo com os autores do artigo “50 anos de circulação extracorpórea no Brasil” foi “somente com a criação do Instituto "Sabbado D'Angelo" em São Paulo [...] e (e de sua mantenedora, a) Fundação Anita Pastore D'Angelo, que a infra-estrutura e recursos necessários para o desenvolvimento da CEC (dispositivo de circulação extracorpórea) foram conseguidos”. GOMES, Walter J.; SABA, João C. & BUFFOLO, Enio. 50 anos de circulação extracorpórea no Brasil: Hugo J. Felipozzi, o pioneiro da circulação extracorpórea no Brasil. Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular, vol. 20, n.4, Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-76382005000400002>> Acesso em 25 de out. de 2015.

<sup>104</sup> Depoimento de Magdalena Pellicci Monteiro – Museu da Pessoa. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/historia-de-vida-44944> > Acesso em 15 de out. de 2015.

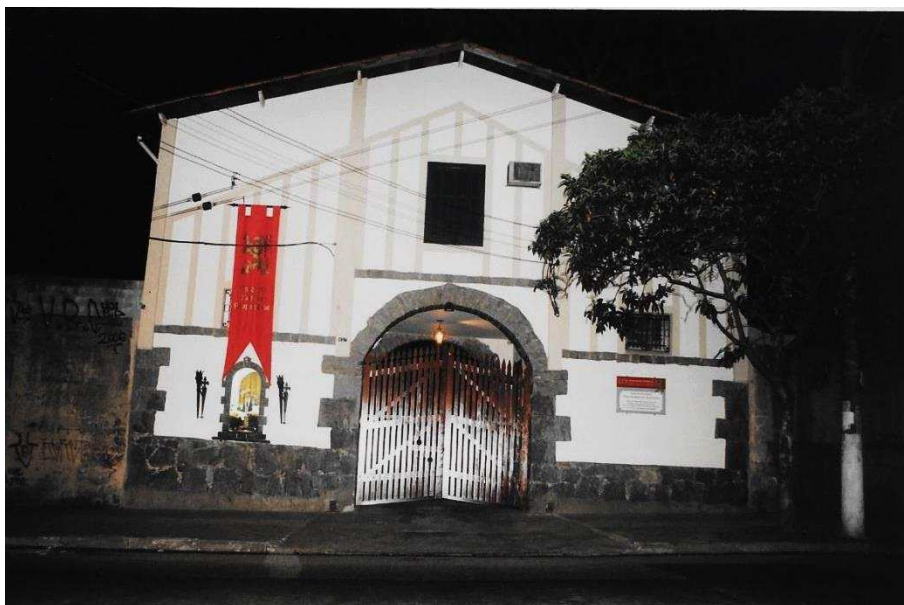


Imagem 11 – Entrada principal ao terreno do casarão,  
com detalhes expressivos da presença da TFP (1996)  
Fonte: João Luis de Brito Neto

Repleta de significações,<sup>105</sup> a presença da TFP por longos anos, referendou a imagem pública da edificação, legando assim, a forte relação entre o casarão e a presença “dos convertidos”. É possível considerar que, foi durante a permanência da TFP na propriedade que se gestaram várias modificações físicas naquele espaço, sendo, talvez, a mais simbólica a elevação de muros em todo o terreno e a fixação de uma *capelinha* ao lado da entrada principal ao terreno – na Imagem 11, se vê a sobredita capelinha do lado esquerdo, abaixo do estandarte da TFP.

Contornada de silêncios e apinhada de significações, a presença da TFP no casarão foi, sem dúvidas, a que mais trouxe pra si especulação – não à toa um dos boatos que circula, timidamente, pelo bairro é o de que durante a ditadura o casarão fora espaço para a tortura clandestina. Esta presença/memória é tão marcante que na década de 1990, por exemplo, o jornal *Espalhaphatos* lançava a seguinte manchete em suas páginas:

<sup>105</sup> Uma peculiar memória sobre o casarão, muito relacionada à presença da TFP, é a de que ali, no casarão, ocorreram práticas de tortura clandestina durante a ditadura civil-militar iniciada em 1964. Nas averiguações realizadas, inclusive nos recentes inventários das Comissões da Verdade, nenhuma referência, nesse sentido, àquele espaço foi encontrada o que não encerra as possibilidades de investigação nesse caminho.





Imagem 12 – Reprodução fotográfica do casarão em livro da Companhia Pastoral Agrícola.

Fonte: *Espalhaphatos*, mai. de 1989

E enquanto a falta de espaço paralisa a vida cultural (do bairro de Itaquera), um prédio, cujo interior é algo fantástico, e pode ser considerado o grande patrimônio de Itaquera, é utilizado pela TFP | Tradição, Família e Propriedade -, que nada de importante cria a coletividade itaquerense e do mundo.<sup>106</sup>

É pertinente pontuar sobre a Imagem 12, a forte relação entre imagem e texto: se se tratam de três fotografias externas ao terreno do casarão, a escolha pela composição “TFP ocupa patrimônio de Itaquera” parece, à nossa interpretação, orientar-se em deslegitimar a presença de tal organização naquele espaço, ao mesmo tempo em que se insinua um “requerimento” por um novo uso do casarão. A disputa pelo espaço, assim como pela história está dada.

Atualmente o casarão e seu terreno são alvos de diversas especulações e projeções, situação condizente com o momento pelo qual o bairro de Itaquera passa.<sup>107</sup> Podemos assinalar como exemplos a abertura do *Centro Cultural Casa da*

<sup>106</sup>*Espalhaphatos*, mai. de 1989.

<sup>107</sup> Nos últimos anos, Itaquera tornou-se foco de forte especulação imobiliária (muito por conta de ter sido escolhido como local de abertura da Copa do Mundo de 2014, o que implicou, como se viu, numa série de reordenações sócio espaciais deste território), circunstância que tem, influenciado a relação dos moradores com o próprio bairro, influência que perpassa a relação deles com a história e com os patrimônios daquele território. Prova dessa mudança na relação dos(as) itaquereneses com o passado de Itaquera e com seus patrimônios (essencialmente, os materiais) são algumas “ações” realizadas no bairro, principalmente a partir de 2012: criação de campanhas diversas com o objetivo de valorização e preservação da memória de Itaquera, o lançamento de livro sobre a história do bairro,

Uma ação interessante nesse processo, dada sua importância simbólica, é o lançamento, por parte da SPTuris (Agência de Turismo da prefeitura de São Paulo) de um Guia turístico da Zona Leste. Neste Guia demarca-se vários locais com potencial turístico dentro da supracitada região (por exemplo, a Capela de São Miguel Arcanjo, em São Miguel; o centro histórico do bairro da Penha, o Clube Juventus, sediado na Mooca). Cabe mencionarmos o registro do Centro Cultural Casa da Memória (já mencionado), da Arena Corinthians, da Escola de Samba Leandro de Itaquera, do Parque do Carmo e, consequentemente, da Festa das Cerejeiras e por fim do Sesc Itaquera. Também cabe a essencial sinalização de que a Região Leste não possui nenhuma Central de Informação Turística (CIT), que das sete unidades fixas existentes, quatro se encontram no centro de S. Paulo. Cf. SPTuris *Roteiros Temáticos – Zona Leste*. São Paulo Turismo S/A, maio 2015.



*Memória de Itaquera*, sediada na “Casa do Chefe da Estação” (afamado patrimônio arquitetônico do bairro, único remanescente da estação ferroviária citada anteriormente), conquista resultante de extensa mobilização dos(as) moradores(as) e a criação de uma coluna intitulada *Memórias de Itaquera* no jornal de bairro “José Bonifácio em notícias”, em que o morador, escritor e memorialista Escobar Franelas escrevera textos relativos à alguns fatos da história e da vida cotidiana da região.

No âmbito do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo há a menção ao “Parque Sabbado D’Angelo”, cuja situação aponta-se, “em planejamento”.<sup>108</sup> Essa figuração do respectivo espaço, cujo encaminhamento de seu novo uso é a criação de um parque urbano, está fortemente relacionada à mobilização encabeçada pelo então vereador Juscelino Gadelha, o qual apresentou o PL 329/11, que “Dispõe sobre a criação do Parque Municipal Sabbado D’Angelo, e dá outras providências”.<sup>109</sup> A sobredita problemática em relação à presença da TFP está expressa, na documentação relativa ao debate do Projeto de Lei do vereador Gadelha. Numa das audiências públicas, por exemplo, o cidadão denominado Hélio, ao pedir a palavra para comentar sobre o PL 309/2011<sup>110</sup> afirma:

venho fazer a defesa do PL 309/2011, que também tem uma ligação com o PL 329. Trata-se da questão da preempção de uma propriedade na Rua Sabbado D’Angelo. [...] (O) casarão, que foi cedido para a TFP — Tradição, Família e Propriedade, numa cessão que vamos encaminhar à Comissão da Verdade da Câmara Municipal, para sabermos como se deu a cessão desse casarão. Sabemos a história da TFP [...] (e sendo assim) é necessário investigar como se deu a cessão desse casarão a TFP. [...] A cessão dessa propriedade pode ser discutida e nós, moradores e munícipes de Itaquera, estamos fazendo uma mobilização, já coletamos quase duas mil assinaturas e, na próxima audiência, entregaremos ao Sr. Presidente, objetivando a preservação daquele patrimônio histórico. Além de dar apoio total à aprovação desse projeto, também apoiamos o PL 329, que prevê a criação de um parque.<sup>111</sup>

<sup>108</sup> *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, 1 de ago. de 2014. Disponível em: <<http://cmspbdoc.inf.br/iah/fulltext/leis/L16050-DOC.pdf>> Acesso em 20 de out. de 2015.

<sup>109</sup> Compêndio de Atas de Audiências Públicas – Câmara Municipal de São Paulo: Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente – 9 de mai. de 2012. Disponível em: <<http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/2011/00/00/0H/LB/00000HLBI.PDF>> Acesso em 22 de out. de 2015.

<sup>110</sup> Projeto de Lei de autoria do mesmo vereador, Juscelino Gadelha; definindo “a área (do casarão) com direito de preempção”.

<sup>111</sup> Compêndio de Atas de Audiências Públicas – Câmara Municipal de São Paulo: Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente – 9 de mai. de 2012. Disponível em: <<http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/2011/00/00/0H/LB/00000HLBI.PDF>> Acesso em 22 de out. de 2015.

O autor do Projeto de Lei, o vereador Gadelha, que na ocasião, presidia a Audiência, solicitou a palavra para então discorrer sobre o casarão:

Só queria acrescentar algo a respeito desse projeto, pois trata-se de um casarão que possui mais de 100 anos. É um casarão muito lindo, maravilhoso, em uma área verde muito grande, inclusive com árvores centenárias. Há condições de preservar o casarão na nossa memória. É uma forma de Itaquera preservar a sua memória através desse casarão [...] Para se ter uma ideia, esse casarão faz parte da memória viva de Itaquera e está localizado na área que pertence ao primeiro loteamento feito em Itaquera. O casarão possui a mesma idade que o bairro foi criado. Os membros do TFP da família real brasileira costumavam se hospedar nesse casarão.<sup>112</sup>

Nota-se a pluralidade de narrativas, projeções e leituras propostas ao casarão. Embora tenha de ser compreendida no âmbito do contexto em que foi realizada, é pertinente assinalar na fala do então parlamentar o apego à uma *historicidade* do imóvel, ainda que esta seja profundamente discutível - como pode se apreender – e não apareça em nenhum outro material da campanha (Imagens 12 e 13).

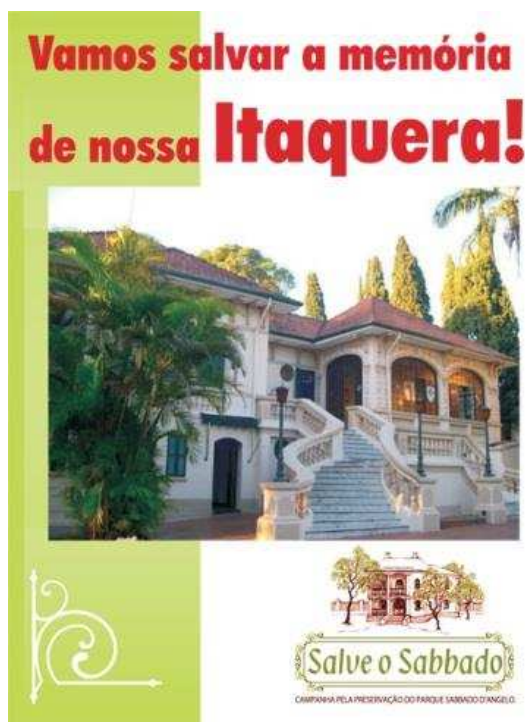


Imagem 13 – Campanha para a preservação do casarão de Sabbado D’Angelo  
(Material da Campanha em prol do PL329/11)  
Fonte: Página “Salve o Sabbado”

<sup>112</sup> Ibidem.



Imagem 14 – Campanha para a preservação do casarão de Sabbado D’Angelo  
(Representação do casarão)  
Fonte: Página “Salve o Sabbado”

Se a mobilização de Gadelha se fez no período anterior à realização da Copa, as articulações projetadas sob o Casarão não cessaram diante do término do evento esportivo. É nesse contexto, que se chega ao Projeto de Lei 17/2015 de autoria do vereador Toninho Vespoli que, segundo a ementa: “Dispõe sobre a declaração de utilidade pública o *imóvel* localizado na rua Sabbado D’Angelo, nº657, distrito de Itaquera [...] para construção de equipamento cultural”.<sup>113</sup> Não havendo nenhuma referência à vida pretérita do bem, o texto do PL apenas indica que objetiva-se “desapropriar o referido imóvel e transformá-lo em um bem público para uso do povo, especialmente para a difusão e valorização das ações culturais para o desenvolvimento da dignidade da pessoa humana”.

Em paralelo às alterações políticas em âmbito municipal, encontra-se a querela referente ao tombamento do casarão. Tramitando desde 2012 em esfera estadual, ou seja, pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico), a solicitação do tombamento teve, no ano de 2015, desdobramentos importantes, encaminhando-se à confirmação do tombamento do imóvel. Vejamos alguns trechos referentes ao debate sobre o Tombamento do casarão:

A Senhora Viviane Vergamini Terni questionou a decisão de abertura de estudo. Considera não haver elementos que justifiquem para o tombamento a nível estadual, uma vez que não é conhecida a autoria do autor do projeto. Alegou ainda, a falta de notificação à Associação Aliança de Fátima, proprietária do imóvel.<sup>114</sup>

<sup>113</sup> *Projeto de Lei 17/2015*. Disponível em: <<http://www.toninhovespoli.com.br/wp-content/uploads/2015/08/PL-17-2015.pdf>> Acesso em 24 de out. de 2015.

<sup>114</sup> *Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP) – Executivo | Caderno 1, de 14 de mai. de 2015, p. 57.*

A senhora Viviane Vergamini Terni Alonso apresentou um panorama sobre o estudo realizado pela UPPH que justificaria a abertura do processo [...] (nas pesquisas feitas pelo proprietário, a Associação Aliança de Fátima) nas quais se verificou, conforme documentação entregue aos Conselheiros, a *inexistência de arquivos comprobatórios que destaquem o então proprietário do imóvel, Sabbado D'Angelo, dentro do fenômeno da imigração na cidade de São Paulo*.<sup>115</sup>

A fala da constante Vergamini Terni Alonso aponta à uma suposta falta de documentos relacionados à D'Angelo, que auxiliar-nos-iam à entender a figura do proeminente imigrante “dentro do fenômeno da imigração na cidade de São Paulo”. E se é verdade que, até o momento de escritura desta Monografia não havia nenhum trabalho, em pesquisa histórica, sobre tal agente, esta Monografia se alicerça de alguma maneira no que o historiador Ciro Flamarion imagina, ao afirmar que “a escolha de temas de pesquisas históricas deve estar atenta às prioridades sociais do momento que se vive”.<sup>116</sup>

Após um constante debate, por fim, em agosto de 2015, apontou-se a resolução abaixo replicada:

*Tendo em vista a grande importância testemunhal que reputo a este imóvel no que toca à capacidade mencionada de documentar formas de afirmação social da imigração italiana na capital paulista, e a sua especificidade de materializar tais práticas por meio de residências de grande escala e requinte decorativo característicos de palacetes vinculados ao Ecletismo, corroboro a posição da GEI e do conselheiro Levy Figuti, recomendo ao Conselho o tombamento estadual do imóvel, recomendando o acréscimo do seguinte Considerando: Que a chácara documenta, pela somatória de sua implantação urbana, de sua escala e do requinte de sua linguagem arquitetônica, uma estratégia de afirmação de membro da sociedade paulista vinculado à imigração, indicando a multiplicidade de locais dessa estratégia no tecido urbanizado da capital paulista, para além dos logradouros das áreas mais centrais da cidade.” Deliberou ainda, aprovar por unanimidade, a minuta de resolução de tombamento com a supressão da referencia sobre a área envoltória [...]. (grifos nossos)<sup>117</sup>*

Tal deliberação, de “tombamento da *antiga Chácara de Sabbado D'Ângelo*”, parece inserir-se num contexto de profunda reformulação do bairro, em diferentes âmbitos, entre eles, o *cultural*, no qual a questão da preservação do patrimônio reagiu à visível resignificação pela qual Itaquera passou diante dos olhos de suas moradoras e moradores.

---

<sup>115</sup> *Diário Oficial do Estado de São Paulo* (DOSP) – Executivo | Caderno 1, 12 de Agosto de 2015, p.40.

<sup>116</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. Como elaborar um projeto. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/Programa de Pós-Graduação em história.

<sup>117</sup> *Diário Oficial do Estado de São Paulo* (DOSP) – Executivo | Caderno 1, de 26 de ago. de 2015, p. 45.

Perpassando, ainda que de maneira panorâmica, pelas diversas representações interpostas ao casarão,<sup>118</sup> temos agora uma imagem mais nítida das inúmeras apropriações, representações e interesses atribuídos e refletidos ao casarão/Palacete/Chácara. Dessa forma, diante de uma consonância de vontades e projeções em relação à um mesmo espaço, o(a) historiador(a) se põe a refletir sobre as concretas funções de seu ofício. É preciso indagar nossa função no presente!

Num mundo ávido por reminiscências do passado, onde se cultua a memória em todas as esferas da sociedade, o(a) historiador(a) vê-se em meio a uma crescente demanda da indústria da memória.<sup>119</sup>

Por fim, ainda que o tombamento efetivo do casarão se coloque “como certo”, é preciso ainda repensar tal espacialidade junto às dinâmicas urbanas próprias da região à qual se insere. Aponta-se como aspecto a ser considerado, nesse contexto, a possibilidade de se equacionar tal questão (a preservação por meio do tombamento) a partir de outro mecanismo da política urbanística, como por exemplo, o diálogo dos intentos preservacionistas da população com ferramentas como os Planos Diretores – o que permite também pensar a preservação para além do dispositivo de tombamento, alargando a concepção do que é o *preservar*, inserindo no vocabulário coletivo verbos/ações extremamente pertinentes a esta seara como o salvar, documentar, restaurar e outros.<sup>120</sup>

Salienta-se por fim, a necessidade de se encarar a sucessão de usos deste espaço, o casarão, que sendo adensadas aos olhos contemporâneos nos dão uma imagem repleta de conflitos e nuances e que somente, numa perspectiva histórica, é compreendida.

---

<sup>118</sup> E o que são todas essas imagens e representações, todos esses vestígios? Eloquência simbólica imposta à *vida póstuma* do indivíduo público, construção mnemônica repleta de especulações vazias ou o legado intangível de uma vida?

<sup>119</sup> SIQUEIRA, Lucília. A construção da memória, a ideia de Patrimônio histórico e o ofício do historiador. In: LEAL, Elisabete. & PAIVA, Odair da Cruz. (Orgs.) *Patrimônio e história*. Londrina: Unifil, 2014, p.181.

<sup>120</sup> MATEUS, Eliane Elias. A proteção do patrimônio cultural e o tombamento. In: *Leopoldianum: Revista de estudos e comunicações da Universidade Católica de Santos*. Santos: n.93-93, jan/ago 2008, p. 130-4.



Imagem 15 – Entrada principal ao terreno do casarão (2014)  
(Rua Sabbado D'Angelo)  
Fonte: registro do autor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bacco, tabacco e Venere  
Riduce l'uomo a cenere\*  
(Provérbio italiano)

Ao procurar compreender a trajetória do capitalista, Sabbado D'Angelo, acabamos por evidenciar uma realidade histórica mais ampla, mas que dialogara profundamente com os circuitos sócio históricos perpassados pelo indivíduo em questão. Desta forma, se refletimos sobre a racionalização e especialização do espaço, a formalização do mundo do trabalho (livre e fabril), os rearranjos da sociedade paulista e discutimos, ainda que brevemente, a medicalização da política urbanística em São Paulo foi, essencialmente, por conta da importância destes processos para o entendimento do contexto social ao qual tal indivíduo estava atrelado e assim sendo, refletir sobre tais questões era em si, refletir sobre Sabbado D'Angelo. Por outro lado, buscou-se evidenciar ao longo desta Monografia, uma São Paulo cuja realidade urbana estava assinalada pelo compartilhamento de uma mesma cena por tempos diversos e interesses e projeções sociais distintas.<sup>121</sup> Capitalista proprietário de uma notável indústria do tabaco,<sup>122</sup> Sabbado D'Angelo participou (e foi, como que, compelido a participar) da transformação da cultura urbana de São Paulo, aproveitando-se, é certo, do visível prestígio que o cigarro, enquanto bem de consumo, detinha à época até por se configurar como um *ícone* da modernidade<sup>123</sup> - salvo de qualquer argumento médico/científico contrário à sua consumação.<sup>124</sup>

---

(\*) Em tradução livre: “Vinho, mulheres e tabaco põem o homem fraco”.

<sup>121</sup> Esta problemática foi amparada em muito pela reflexão de Ferreira dos Santos. In: SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915*. São Paulo: Annablume, 2008.

<sup>122</sup> À título de curiosidade, assinalo que em 2004 a Sudan passa a se chamar Sudamax, tendo como proprietários, desde 1991, os irmãos David e Daniel Young e o empresário Maurício Rosilho, assim como a Melisur S.A., enquanto detentora de certa porcentagem da empresa. Vide: *Sudamax investe no combate ao contrabando*. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/493380/noticia.htm?sequence=1>> Acesso em 25 de out. de 2015). De acordo com o Diário Oficial da União (seção 1), nº 36, referente à 22 de fevereiro de 2008, a União (por intermédio de seu órgão, a ANVISA) havia cancelado “o registro Especial de Fabricante de Cigarros da empresa Sudamax Indústria e Comércio de Cigarros Ltda”, por meio do Ato Declaratório Executivo Cofis nº 34, de 9 de outubro de 2006.

<sup>123</sup> Márcia Padilha nos evidencia que o que se veiculava nas publicidades não se resumia aos produtos em si, mas acima de tudo, estilos de vida, atrelados, em muito, à industrialização, à vida nas cidades urbanizadas. Nessa invenção/reprodução de subjetividades, em que pesava muito o contexto social, a promoção do tabaco (não mais o vendido em tabuleiros, no meio da rua, mas sim pelo “enriquecido

Magnata do tabaco ou *Rei do Fumo*, figura proeminente da colônia italiana, benemérito do esporte e da cultura, empresário coparticipe da reformulação sócio espacial da cidade de São Paulo ou ainda, o galanteador (ou assediador?) patrão de “raça italiana”... todas essas imagens emergem da documentação analisada, transparecendo as várias facetas de um mesmo indivíduo e assim, possibilitando-nos perceber que, por vezes, à um “nome” corresponde-se uma excepcional multiplicidade de imagens sociais, como também à este cabe ainda uma numerosa série de lugares e circuitos sociais pretéritos.

Já a patrimonialização de um dos vestígios arquitetônicos mais simbólicos dessas variadas incursões sociais do Rei do Fumo, o casarão em Itaquera, expressa, por sua vez, uma série de questões muito pertinentes à discussão patrimonial. Se ao casarão constam diversas (e por vezes antagônicas) representações (questão insinuada no Capítulo 3), o direcionamento de um inventário compartilhado,<sup>125</sup> que vise dar conta de toda a complexidade de tal bem, é talvez, um desafio a ser enfrentado pelos órgãos competentes, ainda que o tombamento do casarão venha a se consumir. Aponta-se à esta direção no sentido de assinalar, também, a necessidade de se debater questões profundamente relacionadas ao patrimônio em questão: como estabelecer os usos contemporâneos desse bem? Como relacionar a imagem pretérita, legada pela estabilidade de sua presença com o novo contexto daquele território, no tempo presente?<sup>126</sup> Que memória se articulará em seu processo de preservação? Como garantir sua salvaguarda diante da crescente

---

industrial”, com suas luxuosas vitrines) se fazia pela reprodução de um modelo de sociedade, no qual o requinte se dava com o consumo de um cigarro - produzido em fábricas, pelo ordenamento maquinário síntese do contexto paulistano da época – até porque, como Oscar Wilde resume: “O cigarro é o mais perfeito dos prazeres. É requintado e deixa insatisfação. Que mais se poderia desejar?”. O “prazeroso ato de fumar” era (é) passageiro, condição largamente desfrutada pela indústria do ramo e estava fortemente relacionado à um imaginário de cidade, de civilização. In: PADILHA, Marcia. Op. Cit., passim.

<sup>124</sup> A investida contra o consumo do tabaco, sob argumentos médico-científicos, pode ser datada na década de 1980, muito por conta do enfraquecimento da mentalidade libertária (em relação ao consumo de drogas) do período do Pós-Guerra. In: MIRRA, Antônio Pedro & ROSEMBERG, José. *A história da luta contra o tabagismo no Brasil: 30 anos de ação*. Salvador: Sociedade Brasileira de Canceriologia, 2005.

<sup>125</sup> CHUVA, Márcia. A história como instrumento na identificação dos bens culturais. In: SILVA, Maria Beatriz Resende (Org.). *Inventários de identificação: um panorama da experiência brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998. p. 48.

<sup>126</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. O porvir do passado. In: *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª edição. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 200.



especulação imobiliária? Questões que só se encerram com o encaminhamento de um amplo processo de discussão junto ao bairro (moradores, instituições, agentes locais...) em que pesem as narrativas sobre o passado, as questões do presente e o fervor das exigências do território. O passo a ser dado é coletivo e a preparação para tal ato nem sequer foi aventada.

São as diversas representações do bem que devem assessorar a compreensão de sua patrimonialização nos dias atuais. Se por detrás dos muros que hoje limitam a visualização da edificação, está o sentido de um dos variados usos aos quais ele foi submetido (a presença da TFP) é através, também, dessa estrutura - que restringe nossa “apropriação” física e visual do bem - que deve-se conceber a reflexão preservacionista do casarão. A questão é que, por mais discutível que possa ser, a ereção dos muros ao longo do tempo, passou a integrar a historicidade do imóvel<sup>127</sup> sendo pertinente à compreensão desta. E o que dizer então, das várias outras presenças que, muito provavelmente, foram apagadas da materialidade visível do bem?

Não há resposta mais contundente a se apontar em relação ao que foi e o que é o bem, senão sugerir a necessidade de se abordar a consonância de todas essas possibilidades, de se meditar sobre a confluência de todos esses vestígios de D’Angelo que nos dão real amparo para cunhar um entendimento mais profundo de sua trajetória, pois é isso que ao fim, nos possibilita responder às prováveis denúncias de desmemória à qual a periferia é sempre atendida. São memórias soterradas por décadas de desigualdade social, de esquecimento e raso planejamento nas bordas da cidade. Memórias à espera da revista de olhos atentos que se direcionem ao passado, com vistas a combater as injustiças do presente.

---

<sup>127</sup> Não a toa, ainda hoje, é comum testemunhar o benzimento de vários moradores do bairro ao passarem pela capelinha construída pela TFP junto à entrada principal da edificação, à Rua Sabbado D’Angelo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATIQUÊ, F. O Patrimônio (oficialmente) proibido: A destruição e a memória do Palácio Monroe (Rio, 1906-1976). In: LEAL, Elisabete. & PAIVA, Odair da Cruz. (Orgs.) *Patrimônio e história*. Londrina: Unifil, 2014.
- AZEVEDO, Aroldo Edgard de. *Subúrbios orientais de São Paulo*. Tese – São Paulo: Universidade de São Paulo, 1945.
- BARROS, José D’Assunção (org.). *Cinema-História*. Rio de Janeiro: LESC, 2007.
- BELLOTTO, Heloísa L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BELTRAMIM, Fabiana. *Entre o estúdio e a rua: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP, 2015.
- BORREGO, Maria Aparecida M. *Laços familiares e aspectos materiais da dinâmica na cidade de São Paulo*. Anais do Museu Paulista. V. 18, p.11-41, 2010.
- BÓGUS, C. M. *Participação popular em saúde: formação política e desenvolvimento*. São Paulo: Annablume, 1998.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo – Burgo dos Estudantes (1828-1872)*. v. II. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.
- CANCLINI, Néstor Garcia. “O porvir do passado”. In: *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª edição. São Paulo: EDUSP, 2008, pp. 159-204.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Como elaborar um projeto*. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/Programa de Pós-Graduação em história.
- CHUVA, Márcia. A história como instrumento na identificação dos bens culturais. In: SILVA, Maria Beatriz Resende (Org.). *Inventários de identificação: um panorama da experiência brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998. p. 41-50.
- D’ANGELO, Namar & D’ANGELO, Arriete. *Herdei os restos mortais do Comendador Sabbado D’Angelo* – São Paulo: Editora Marco Markovitch, 1997.
- FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991
- FERREIRA, Antonio Celso & DE LUCA, Tania Regina. Medicina e práticas médicas em São Paulo: Uma introdução. In: *Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas: a história e suas interfaces*. André Mota e Maria Gabriela S. M. C Marinho (Orgs.) – São Paulo: USP (Faculdade de Medicina), 2011.
- FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite – vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*: Boitempo Editorial, 2002.

GIORGETTI, Ugo. A Cidade e nós. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: Departamento do Arquivo Histórico de São Paulo, v.205, 2014, p.159-169.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *A micro-história e outros ensaios*. Trad. António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOMES, Walter J.; SABA, João C. & BUFFOLO, Enio. 50 anos de circulação extracorpórea no Brasil: Hugo J. Felipozzi, o pioneiro da circulação extracorpórea no Brasil. *Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular*, vol. 20, n.4, Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-76382005000400002>> Acesso em 25 de out. de 2015.

HALBWACHS, Maurice *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *Sociologias* [online], Porto Alegre, ano 12, n. 25, set./dez. 2010, p. 158-198. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222010000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em 01 de set. de 2015.

LOPES, Rodrigo Herrero. *Face Leste: revisitando a cidade*. São Paulo: Mitra Diocesana São Miguel Paulista, 2011.

MACHADO, L. M. *Atores sociais: Movimentos urbanos, continuidade e gênero*. São Paulo: Annablume, 1995.

MATEUS, Eliane Elias. A proteção do patrimônio cultural e o tombamento. In: *Leopoldianum: Revista de estudos e comunicações da Universidade Católica de Santos*. Santos: n.93-93, jan/ago 2008, p. 130-4.

MIRRA, Antônio Pedro & ROSEMBERG, José. *A história da luta contra o tabagismo no Brasil: 30 anos de ação*. Salvador: Sociedade Brasileira de Canceriologia, 2005.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *Cidade e cultura urbana na primeira república*. São Paulo: Atual, 1994.

PADILHA, Marcia. *A cidade como espetáculo: publicidade de vida urbana na São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI*. – São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

PROST, Antoine. O trabalho. In: *História da vida privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. Antoine Prost e Gérard Vincent Chartier (org.) – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SADER, E. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915*. São Paulo: Annablume, 2008.

SIQUEIRA, L. A construção da memória, a ideia de Patrimônio Histórico e o ofício do historiador. In: LEAL, Elisabete. & PAIVA, Odair da Cruz. (Orgs.) *Patrimônio e história*. Londrina: Unifil, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos vinte. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

SILVEIRA, Joel. *Grã-finos em S. Paulo – E outras notícias do Brasil*. São Paulo, 1945.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p.13-28.

SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.) *História econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo, 2004.

TENTRO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de Imigração italiana no Brasil*. Tradução de Maria Rosaria Fabris & Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Nobel, 1989.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da vertigem: uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2015.

VAMPRÉ, Spencer. *Do Nome Civil*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1935.

- SPTuris Roteiros Temáticos – Zona Leste. São Paulo Turismo S/A, maio 2015.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. *Rizkallah Jorge Tahan: Seu papel na urbanização de São Paulo e seu lugar na História Social da Imigração (1895-1949)*. (Projeto de pesquisa - Bacharelado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012.

ANDREWS, Georg Reid. Imigração. In: *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998, PP. 93-147.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Origens Étnicas e Sociais do Empresário Paulista, *Revista de Administração de Empresas (RAE)*, vol. 4 (11), jun. de 1964. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/1964/64.OrigensEtnicasSociais.pdf>>

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. SP: Perspectiva, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Como elaborar um projeto*. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/Programa de Pós-Graduação em história.

CARELLI, Mário. *Carcamanos e comendadores: os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1930)* – Tradução de Lygia Maria Pondé Vassalo. – São Paulo: Ática, 1985.

CARLOS, A.F.A. *A cidade*. São Paulo: Editora Contexto - 2ª edição. 1995.

FAUSTO, Boris. *Imigração e Política em São Paulo*. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1995.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio. IN: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (org.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 59-79.

FRANELAS, Escobar. *Itaquera: uma breve introdução*. São Paulo: Kazuá, 2014.

LANNA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. *São Paulo, os Estrangeiros e a Construção das Cidades*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

MATOS, Olgária. *A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças*. *Revista Espaço e Debates*, n.7, p. 45-52, out/dez, 1982.

PAIVA, Odair da Cruz (Org.) *Migrações internacionais* – Desafios para o século XXI. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007.

PAULA, Eurípedes Simões de. A Segunda Fundação de São Paulo (da pequena cidade à grande metrópole hoje). *Revista de História*. São Paulo: FFLCH-USP. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36096/38817>>

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

ROMERO, Mariza. *Construção da Nação e exclusão social: Medicalização da saúde em São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal / Departamento do Arquivo Histórico de São Paulo, v.205, p.79-98, 2014.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. 3. ed., 2º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

STANOJEV, Marco Antonio. *História e Estórias do Povoamento e Gentes de Vila Sant'Ana e Itaquera*. São Paulo: Edições MASP, 2011.

YAMAGUISCHI, Caio T. *Colônia de Itaquera: Uso da terra e valor da produção*. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpica/rea/1962/asp32-62.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2015.